

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JAIME DO NASCIMENTO

**A RELEVÂNCIA DA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR PARA O ENSINO DE
FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

SÃO LUÍS – MA
2024

JAIME DO NASCIMENTO

**A RELEVÂNCIA DA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR PARA O ENSINO DE
FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita De Cassia Oliveira.

São Luís/MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Nascimento, Jaime do.

A relevância da hermenêutica de Paul Ricoeur
para o ensino de Filosofia na Educação Básica /
Jaime do Nascimento. - 2024.

64 p.

Orientador(a): Rita de Cassia Oliveira.

Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Ma, 2024.

1. Hermenêutica. 2. Paul Ricoeur. 3. Ensino. 4.
Filosofia. 5. Educação Básica. I. Oliveira, Rita de
Cassia. II. Título.

JAIME DO NASCIMENTO

**A RELEVÂNCIA DA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR PARA O ENSINO DE
FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita De Cassia Oliveira.

Aprovada em: ____/____/ 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Rita De Cassia Oliveira (Orientadora)

1º Examinador

2º Examinador

Dedico este trabalho a minha família, em especial naquilo que me proporcionaram nesse tempo.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de expressar minha gratidão a Deus pelas oportunidades e bênçãos recebidas ao longo da vida.

Agradeço também à minha família, cujo apoio incondicional foi fundamental para a concretização deste trabalho.

Grato a Universidade no que ofertou em educação da melhor qualidade possível, dadas as suas condições. Em especial expresso meus agradecimentos a minha orientadora a exímia Prof^a. Dr^a. Rita De Cassia Oliveira, pela assistência e empatia com meu estudo.

*“O mundo é do tamanho do conhecimento
que temos dele”.*

Terezinha Azerêdo Rios

RESUMO

A presente pesquisa fez uma abordagem acerca da seguinte temática: A relevância da hermenêutica de Paul Ricoeur para o ensino de Filosofia na Educação Básica. Em que inclui a análise e a interpretação como um processo cognitivo de fundamental importância na Educação. Isto porque a Hermenêutica Filosófica de Paul Ricoeur (1913 – 2025) além de ser uma Teoria que parte do reconhecimento do ser humano em sua relação com outro, também oferece um método de análise e interpretação da linguagem em que a relação deste ser com o outro seja compreendida em várias dimensões, como a ética a política, a estética, a histórica e a cultural, em uma abordagem dialética que valoriza a complexa relação entre texto e leitor com vistas a uma compreensão mais profunda e abrangente, de si, do outro e do mundo através do texto. E a identificação de como essas várias dimensões fazem parte da vida e são simbolizadas na linguagem ocorre mediante o processo de análise e interpretação que considera, desde o contexto temporal do texto, até sua formulação gramatical. E, saber analisar e interpretar é uma condição importante no processo de ensino e aprendizagem. O estudo foi realizado com base em uma pesquisa bibliográfica, servindo de norte para a fundamentação teórica, sendo este estudo feito de natureza qualitativa. A pesquisa mostra como resultado que a leitura em Filosofia pressupõe um diálogo com a tradição filosófica em que a interpretação do texto avance para além da reconstrução histórica do contexto cultural e da intenção original do autor para outros aspectos estruturais e possíveis significações independentes da intenção autoral. Permitindo assim ao estudante uma melhor apropriação daquilo que se lê, além de despertar para uma consciência crítica que lhe permita sair de uma condição de submissão e passividade diante do conhecimento que lhe é apresentado.

Palavras-chave: Relevância da hermenêutica. Paul Ricoeur. Ensino. Filosofia. Educação básica.

ABSTRACT

This research approached the following theme: The relevance of Paul Ricoeur's hermeneutics for teaching Philosophy in Basic Education. Which includes analysis and interpretation as a cognitive process of fundamental importance in Education. This is because the Philosophical Hermeneutics of Paul Ricoeur (1913 – 2025), in addition to being a Theory that starts from the recognition of human beings in their relationship with others, also offers a method of analysis and interpretation of language in which the relationship between this being and another be understood in several dimensions, such as ethics, politics, aesthetics, history and culture, in a dialectical approach that values the complex relationship between text and reader with a view to a deeper and more comprehensive understanding of oneself, the other and of the world through text. And the identification of how these various dimensions are part of life and are symbolized in language occurs through the process of analysis and interpretation that considers, from the temporal context of the text, to its grammatical formulation. And, knowing how to analyze and interpret is an important condition in the teaching and learning process. The study was carried out based on bibliographical research, serving as a guide for the theoretical foundation, with this study being qualitative in nature. The research shows as a result that reading in Philosophy presupposes a dialogue with the philosophical tradition in which the interpretation of the text goes beyond the historical reconstruction of the cultural context and the author's original intention to other structural aspects and possible meanings independent of the author's intention. Thus allowing the student a better appropriation of what is read, in addition to awakening to a critical awareness that allows them to leave a condition of submission and passivity in the face of the knowledge presented to them.

Keywords: Relevance of hermeneutics. Paul Ricoeur. Teaching. Philosophy. Basic education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL	12
2.1	A relevância da hermenêutica de Paul Ricoeur para o ensino de Filosofia na Educação Básica	28
2.2	Particularidades que envolvem o ensino de Filosofia na educação básica	35
2.3	A importância da hermenêutica para o entendimento dos conceitos filosóficos, a apreensão e produção de conhecimento em Filosofia.....	40
3	A HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR NO QUE PODE CONTRIBUIR PARA A OTIMIZAÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	52
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

A temática da relevância da hermenêutica de Paul Ricoeur para o ensino de Filosofia na Educação Básica nos conduz diretamente ao cerne do processo de aprendizado filosófico: a leitura e a escrita. É sabido que muitos estudantes enfrentam dificuldades em compreender os textos filosóficos, devido à sua linguagem específica e à complexidade dos conceitos. A pesquisa busca investigar como a perspectiva hermenêutica de Ricoeur pode contribuir para superar essas dificuldades e promover um aprendizado mais significativo da Filosofia na Educação Básica.

Um dos principais desafios enfrentados pelos estudantes ao ingressarem no estudo da Filosofia é a complexidade da linguagem filosófica. Termos técnicos, argumentações elaboradas e conceitos abstratos podem gerar estranhamento e dificultar a compreensão dos textos. Sob essa ótica, a hermenêutica de Paul Ricoeur, com sua ênfase no diálogo entre o texto e o leitor, oferece ferramentas valiosas para superar essas dificuldades. Ao considerar o texto filosófico como um convite ao diálogo e à construção de significados, a hermenêutica possibilita que o estudante se torne um participante ativo no processo de interpretação, em vez de um mero receptor de informações.

Ao se deparar com um texto filosófico, é fundamental reconhecer a intencionalidade do autor, que busca persuadir o leitor de uma determinada perspectiva. A hermenêutica de Ricoeur nos ensina que a compreensão de um texto é um processo ativo e dialógico, no qual o leitor busca construir um significado a partir de seus próprios conhecimentos e experiências. A leitura constante e reflexiva possibilita que o leitor se familiarize com a linguagem e os conceitos filosóficos, construindo um horizonte de compreensão que lhe permita apreender a intencionalidade do autor e estabelecer um diálogo crítico com as ideias apresentadas.

A escolha deste tema surgiu a partir das leituras realizadas durante a minha formação, bem como da experiência em sala de aula, uma vez que já desenvolvo atividades docentes. Minha formação de nível médio foi profissionalizante na área de Magistério e, desde então, passei a ter contato com o universo da sala de aula, lecionando desde turmas de alfabetização até Educação de Jovens e Adultos.

Nessa ocasião, trabalhei com disciplinas que já abordavam conteúdo do campo filosófico, como o componente curricular de Ética e Cidadania, vigente à época.

Como aluno do curso de Filosofia da UFMA, participei da primeira turma do Programa de Residência Pedagógica oferecido por esta Instituição, quando pude vivenciar concretamente os desafios da experiência docente em Filosofia no Ensino Básico e constatar as dificuldades concernentes a essa área de ensino. A partir dessa experiência, surgiu a necessidade de buscar novas abordagens pedagógicas que pudessem tornar o ensino da Filosofia mais significativo e interessante para os estudantes. Isso me conduziu à proposta de investigar em que medida a Hermenêutica poderia atuar como elemento facilitador do processo de ensino e aprendizagem, instigando o aluno a perceber a riqueza e a abrangência do conhecimento filosófico, relacionando de forma significativa o conhecimento adquirido com sua experiência de vida.

A pesquisa teve como objetivo geral analisar a relevância da Hermenêutica de Paul Ricoeur para o ensino de Filosofia na Educação Básica, considerando os desafios específicos desse contexto, a diversidade dos alunos e a complexidade dos conceitos filosóficos. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: examinar as particularidades que envolvem o ensino de Filosofia na educação básica; destacar a importância da hermenêutica para o entendimento dos conceitos filosóficos, a apreensão e produção de conhecimento em Filosofia e verificar em que medida a hermenêutica de Paul Ricoeur pode contribuir para a otimização do ensino de Filosofia na educação básica.

Acerca da definição de um questionamento como problema da pesquisa, foi elencado inicialmente por: em que medida a Hermenêutica de Paul Ricoeur pode contribuir para o ensino de Filosofia na educação Básica?

Do ponto de vista metodológico, o estudo aconteceu a partir de uma pesquisa de revisão bibliográfica, de natureza qualitativa, tendo como bases de consulta a partir de bibliotecas públicas e privadas, além de plataformas virtuais de livre acesso, e como autores em especial de: Pieterzack (2009), Fonseca (2009), Melo (2016), Silva (2019), Saviani (2020), entre outros que contribuíram para uma melhor fundamentação científica do trabalho. No que se concentrou em bases de dados como Scielo, Pub Med, Periódicos Capes, entre outras nessa área de estudo.

Pode-se concluir que essa temática vai ao encontro do universo envolto no texto, naquilo que exige do leitor um esforço de percepção e compreensão. Isso, não

raras vezes, se mostra uma atividade desgastante e laboriosa, gerando, em muitos casos, uma sensação de limitação e fracasso em relação ao que se consegue apreender. Esta situação acaba por gerar certa resistência nos estudantes, a considerar que o prazer da leitura decorre como consequência do seu entendimento. É, portanto, nesse contexto, que o presente trabalho irá se desenvolver, abordando os elementos que caracterizam os textos filosóficos e ressaltando a conexão direta da Filosofia com o “mundo da vida”, enquanto instrumento que possibilita a comunicação de ideias, a interpretação do mundo e de si mesmo.

A estrutura do trabalho é composta por uma Introdução, seguida pela segunda seção, que descreve a Educação Básica no Brasil. Nessa seção, são abordados a relevância da hermenêutica de Paul Ricoeur para o ensino de Filosofia na Educação Básica, as particularidades que envolvem o ensino de Filosofia nesse contexto e a importância da hermenêutica para o entendimento dos conceitos filosóficos, além da apreensão e produção de conhecimento em Filosofia. Na terceira seção, explora-se como a Hermenêutica de Paul Ricoeur pode contribuir para a otimização do ensino de Filosofia na Educação Básica. Por fim, a quarta seção apresenta as Considerações Finais, seguidas pelas referências consultadas e utilizadas na pesquisa.

2 A EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL

A trajetória da educação brasileira, desde o início, foi marcada por contradições políticas e culturais. Especialmente na Educação Básica, que compreende as etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, esse direito historicamente pertencia apenas aos nobres ou àqueles que tinham condições de manter o acesso à escola, ou seja, a educação servia apenas a uma camada da sociedade, a classe dominante. Segundo Dos Santos Sousa *et al.* (2021, p.19), nesse contexto, compreende-se que:

O espaço escolar é permeado por divergências, convergências, contradições sociais, enfim um aglutinado de sentidos e significações que influenciam o processo formativo. Todas essas particularidades devem ser respeitadas. Para tanto, é de suma relevância que não só o docente, mas também toda a equipe escolar, responsabilize-se por criar as necessárias condições ambientais para que os sujeitos aprendizes possam crescer psicológica, intelectual e socialmente usando a liberdade de forma responsável e respeitosa.

O sistema educacional brasileiro na Educação Básica serve para desenvolvimento do país. No caso do Brasil, a lei que regulamenta é LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e outro órgão importante dentro da educação é o FUNDEB, o qual só foi acionado em 2007. Atualmente, a Educação Básica recebe recursos que são distribuídos para as escolas municipais e estaduais, amparada pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Esta Lei determina que,

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma:

- a) pré-escola;
- b) ensino fundamental;
- c) ensino médio;

II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade;

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não os concluíram na idade própria;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e

disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola;

VIII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde;

IX – padrões mínimos de qualidade do ensino, definidos como a variedade e a quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem adequados à idade e às necessidades específicas de cada estudante, inclusive mediante a provisão de mobiliário, equipamentos e materiais pedagógicos apropriados;

X – vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade.

XI – alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos.

XII - educação digital, com a garantia de conectividade de todas as instituições públicas de educação básica e superior à internet em alta velocidade, adequada para o uso pedagógico, com o desenvolvimento de competências voltadas ao letramento digital de jovens e adultos, criação de conteúdos digitais, comunicação e colaboração, segurança e resolução de problemas. (Brasil. 1996).

Nesse sentido, para Kruppa (2016), a educação básica deve abranger toda a sociedade brasileira, incluindo aqueles que adquiriram seus direitos ao longo do tempo, pautadas em relações entre população e Estado, dentro e fora da escola. No entanto, nem sempre esses direitos são respeitados. Para a autora, onde há uma política voltada para a educação, isso refletirá numa nação democrática.

Em que “a escola reflete o modelo de Estado presente na sociedade. O Estado — o poder político — é um campo de disputa. Essa possibilidade deve apurar nossa análise sobre o Estado, em busca de formas para democratizá-lo” (Kruppa, 2016, p, 90). Com isso, pode-se frisar que tal situação acontece desde o período colonial, com movimentos de lutas para uma educação pública de qualidade através de investimentos para a população com menor poder econômico. Apesar de algumas vitórias, ainda há muito a ser conquistado nesse setor.

Aponta-se que os principais fatores que afetam a Educação Básica não estão ligados somente às condições das escolas; a falta de gestão econômica familiar também contribui para a não aplicação da renda no incentivo à educação do aluno. Segundo Bordieu (2007), “o que parece concluir que a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase sempre exclusivamente cultural”. Ou seja, existem condições para que essa escolha seja feita, e mesmo a educação pública necessita de incentivos de gestão de ensino, assim como planejamento econômico.

Dessa forma, a desigualdade entre os jovens vai além do contexto escolar, estando inseridas dentro de um espaço territorial em que a sociedade faz parte como um todo, que é o espaço social. Portanto, a presente pesquisa é de necessária importância, para compreender pontos necessários de estudos durante as leituras, que derivam de estudos já feitos sobre a desigualdade social (Pronadov, 2013). No entanto, onde não ocorre essa aplicabilidade de melhoria por parte do poder competente, a Educação Básica que é obrigatória por lei, emerge em fatores de desvantagens.

É necessário levar em consideração a visão econômica predominante no Brasil e em todo o mundo: o neoliberalismo. De acordo com os estudiosos da área, neoliberalismo é a denominação que o sistema capitalista recebeu na fase em que se encontra na contemporaneidade do século XXI. Basicamente, essa doutrina defende a liberdade absoluta de mercado e, consequentemente, a restrição de intervenções estatais na economia (Nascimento; Silva, 2022, p.1).

O processo educacional passa por uma lógica de interesse particular que, além de inerente, pode interferir diretamente nos meios de disputa social, associado a um sistema capitalista que busca poder. Nesse contexto, a educação não está intacta. Sendo necessárias, portanto, práticas mais abrangentes para inserir a população que está em situação de desigualdade social. Daí: “Se um progressivo e consciente intercambio com processos de educação abrangentes como “a nossa própria vida”, a educação formal não pode realizar as suas muito necessárias aspirações emancipadoras” (Mesaros, 2005, p. 59).

Desta forma, seria possível o rompimento ou mesmo um direito adquirido sem obrigação além das normas sociais de trabalho, pois a Educação Básica forçada para o desenvolvimento somente econômico e não cultural, reproduz a lógica do capital. Sem uma mudança consciente de saber educacional, não poderá ocorrer contribuição vital. Neste contexto, a Educação Básica no Brasil é avaliada de algumas maneiras assegurando o crescimento, porém como afirma (Bittar; Bittar, 2012), mesmo com a expansão das escolas públicas no território brasileiro a ineficiência da qualidade do ensino ainda não foi solucionada pelo Estado.

É imperioso constatar, porém, que a expansão, em si mesma, foi um dado de qualidade, pois se qualidade e quantidade são duas categorias filosóficas que não se separam, o fato de as camadas populares adentrarem pela primeira vez em grande quantidade na escola pública brasileira constituiu-se em um dos elementos qualitativos dessa escola. Em outras

palavras: se no passado a escola pública brasileira era tida como de excelente qualidade, não se pode esquecer que essa qualidade implicava na exclusão da maioria (Bittar; Bittar, 2012, p.162).

Observa-se um declive histórico na formação do direito a escola pública na Educação Básica brasileira, que durante o Regime Militar incentivava a educação para fins de progresso nacional, como visto nos slogans de campanhas políticas desse período. Nessa visão, a expressão "educação escolar no ensino fundamental" refere-se ao processo educacional que ocorre nas escolas durante a etapa do Ensino Fundamental. Essa fase é geralmente destinada a crianças entre aproximadamente 6 e 14 anos de idade, variando conforme os sistemas educacionais em diferentes países.

No Brasil, um país em desenvolvimento, é possível notar que esse projeto educacional gera um resultado excludente, já que apenas a menor parte da sociedade se beneficia plenamente do sistema econômico responsável por ditar as regras de sobrevivência no mundo neoliberalista (Nascimento; Silva, 2022, p. 2).

A educação escolar no Ensino Fundamental tem como objetivo fornecer uma base sólida de conhecimentos e habilidades essenciais para o desenvolvimento intelectual, social e emocional dos alunos. Durante esse período, os estudantes são expostos a diversas disciplinas, como Matemática, Ciências, Língua Portuguesa, História, Geografia, Arte e Educação Física. Como citam os pesquisadores abaixo, em:

Os condicionantes de ordem institucional são pontuados como aqueles que mais impõem dificuldades para o estabelecimento de relações democráticas, já que a organização da escola pública é pautada em relações hierárquicas de poder verticais. Um exemplo mencionado pelo autor é o próprio cargo atual do diretor da rede estadual de ensino do estado de São Paulo, que é determinado por concurso público, ou seja, por noções basicamente teóricas de conhecimento e com a regalia de o próprio ter o poder de escolher a unidade escolar em que vai atuar, não sendo as pessoas que já atuam na escola que determinam quem vai ter esse cargo, além disso, o diretor é o detentor último de todo o poder da unidade escolar, considerado como a autoridade máxima desse espaço (Nascimento; Silva, 2022, p.10).

Nessa lógica, cabe argumentar que os elementos-chave da educação escolar no Ensino Fundamental incluem a adoção de um currículo adaptado, e o uso de metodologias adequadas à realidade da contemporaneidade. Parte da ideia é que:

Uma mudança na estrutura organizacional da escola, tornando-a essencialmente democrática em consonância com a superação dos condicionantes do autoritarismo designados por Paro (condicionantes materiais, de ordem institucional, de ordem política e ideológicos) seria o caminho para a escola, como instituição de enorme relevância social, mesmo diante das dificuldades impostas pelo sistema econômico predominante no mundo contemporâneo (Nascimento; Silva, 2022, p.12).

Nessa visão, o currículo, ganha destaque por representar um conjunto de matérias e tópicos que os alunos estudam ao longo dos anos, delineando as habilidades e conhecimentos que devem adquirir. Isso em consonância com a metodologia de ensino escolar, que inclui estratégias e abordagens utilizadas pelos educadores para transmitir conceitos e facilitar a aprendizagem, podendo incluir métodos tradicionais, interativos e práticas baseadas em projetos.

Cabe ressaltar que o modelo de gestão escolar mais comum nas escolas públicas brasileiras é determinado por uma relação verticalizada entre os diferentes atores sociais, o que acaba por determinar relações bilaterais: de um lado aquele que manda e/ou ensina e de outro lado, aquele que obedece e/ou aprende. Assim, pode-se entender que esse tipo de relação desconsidera a intersubjetividade e a função emancipatória do processo pedagógico (Nascimento; Silva, 2022, p. 9).

Para tanto, como colocam os autores acima, a gestão deve ser focada e flexível, competindo ao uso constante de mecanismo de avaliação, nos quais o processo de avaliação do desempenho dos alunos pode medir o progresso e a compreensão, frequentemente por meio de exames, avaliações contínuas e trabalhos. Algo que se entende como necessário também ao corpo diretivo, bem como os demais profissionais da educação.

Outro aspecto a ser considerado nessa lógica é de atividades extracurriculares. Além das disciplinas acadêmicas, a educação escolar muitas vezes inclui atividades extracurriculares, como esportes, música, arte e outras opções que complementam o desenvolvimento dos alunos.

Uma outra característica relevante a ser considerada na escola é desenvolvimento socioemocional. Ou seja, deve-se focar no desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais, incentivando a empatia, a colaboração, o respeito à diversidade e a resolução de conflitos.

A Educação inclusiva, que passou a ser reconhecida como política prioritária na maioria dos países a partir dos anos 1990, foi discutida e defendida em conferências mundiais como Conferência Mundial de

Educação Especial, que aconteceu em Salamanca, em 1994. Na resolução que derivou desta conferência, denominada Declaração de Salamanca, reconheceu-se que todos os alunos, independente das condições socioeconômicas, raciais, culturais e de desenvolvimento, devem ser acolhidos nas escolas regulares, as quais devem se adaptar para atender às suas necessidades, por se constituírem como os meios mais capazes para combater atitudes discriminatórias e para remoção de barreiras para aprendizagem. Destas conferências, reverberaram orientações dos organismos internacionais que visavam erradicar o analfabetismo e universalizar o ensino. Assim, em meados da década de 1990, iniciou-se com maior relevância a discussão sobre a educação enquanto um meio de promoção da inclusão social no país. Em um processo de ressignificação da educação especial, foram concebidas várias leis e projetos de inclusão de pessoas com deficiência nos espaços escolares e também no mercado de trabalho (Da Silva *et al.*, 2018, p. 97).

Ademais, e ainda nessa visão, a escola atual busca por práticas inclusivas que atendam, às necessidades de todos os alunos, independentemente de suas habilidades, origens ou características individuais.

A transformação deste cenário estriba-se em duas perspectivas, uma deferência maior do sistema educacional para com a formação docente e o estímulo para que os docentes busquem o aprimoramento de sua prática, a partir do questionamento e reflexão de sua prática pedagógica, bem como a busca pela formação continuada, a fim de que a proposta de educação inclusiva seja realmente concretizada em sua plenitude, emancipando do aspecto legal, da teoria e do discurso, sendo finalmente colocada em prática, consolidando, com isso uma educação democrática (Da Silva; Vinha, 2015, p. 16).

Nesse sentido, a educação escolar no ensino fundamental torna-se mais relevante ao proporcionar aos alunos ferramentas necessárias para enfrentar desafios acadêmicos e prepará-los para etapas educacionais posteriores em suas vidas por meio de uma abordagem inclusiva e emancipadora. Sobre a universalização de uma educação pública de qualidade, Saviani (2020, p.47) expõe:

Na perspectiva da pedagogia histórico-crítica a educação não é o principal determinante das transformações sociais e, conseqüentemente, não pode atuar de forma inteiramente autônoma. Ao contrário, sendo uma modalidade da prática social global, a educação só pode impulsionar as transformações articulando-se aos movimentos sociais populares que lutam para superar a ordem social atual. Efetivamente, de modo especial em um país injusto e desigual como o nosso, o problema da educação não pode ser resolvido sem mudanças na própria estrutura econômica da sociedade. Aliás, ainda que em diferentes graus, isso vale para todos os países, uma vez que o sistema capitalista, ao atingir na atualidade seu mais alto índice de desenvolvimento econômico e tecnológico, tornou-se, ao mesmo tempo, inerentemente excludente, o que impede que se atinja a meta da universalização de uma escola de qualidade.

Com isso, deve-se investir no Ensino Básico como essencial para combater as desigualdades econômicas, pois sem tais investimentos mantém-se o fosso separatista, irresponsável e até criminoso que qualifica a nação brasileira em sua longa história.

São os aspectos de acesso a oportunidades que mais afligem o Ensino Fundamental. Recorrer a uma educação fundamental de qualidade proporciona a todos os alunos, independentemente de sua origem socioeconômica, uma base sólida de conhecimentos e habilidades. Isso amplia suas oportunidades futuras, permitindo que alcancem um nível mais elevado de educação e, conseqüentemente, de empregos e carreiras.

Considerando que esses processos ocorrem de maneira diferente em cada indivíduo e sabendo da diversidade biológica e cultural existente, as dificuldades de aprendizagem são esperadas. É comum e realidade, que alguns alunos possuem mais facilidade para aprender determinados conhecimentos e conceitos que outros, mas isso não quer dizer que os que não conseguiram assimilar aquele conhecimento na primeira vez que tiveram contato com ele não aprendam (Costa, 2020, p. 5).

Na Educação Básica deve-se apostar em redução da disparidade de competências. Ao proporcionar uma educação de qualidade desde o início, contribuímos para a redução da disparidade de competências entre alunos de diferentes origens. Isso ajuda a criar uma sociedade mais justa, onde todos têm condições mais equitativas de sucesso.

A busca por uma Escola de qualidade passa, inclusive, pelo oferecimento de um suporte emocional. Segundo Piovesan *et al.* (2018, p. 12), ao adotar os cuidados psicológicos junto aos alunos, tem-se um apoio significativo ao desenvolvimento do indivíduo. “Por outro lado, mas não de maneira antagônica, temos a psicologia como ciência ou ciência psicológica. Dentre outras características, o conhecimento científico é aquele constituído por rigorosos estudos, faz uso de linguagem precisa e objetiva”.

Como se constata, a inclusão social na Educação Básica é algo primordial. Um sistema educacional forte no Ensino Fundamental, promovendo a inclusão social, proporciona a todos os alunos a chance de desenvolverem suas habilidades e talentos. Isso é essencial para criar uma sociedade mais coesa e integrada.

Pode-se inferir que apesar da redução de óbitos infantis por desnutrição no país, esta ainda permanece como um problema de saúde e pública. Mesmo com os diversos programas disponíveis ainda há uma longa jornada a ser percorrida para erradicar a fome do Brasil (Xavier *et al.*, 2022, p. 6).

Cabe destacar que a quebra do ciclo de pobreza pode acontecer no Ensino Fundamental, pois o acesso a uma educação de qualidade nessa etapa pode capacitar as gerações mais jovens com as habilidades necessárias para buscar melhores oportunidades de emprego e alcançar estabilidade econômica. Pois, não há dúvida de que a desigualdade social e econômica repercute negativamente em todos os aspectos relacionados ao ensino, inclusive na implementação de medidas modernas de facilitação da aprendizagem.

Pode-se ver que a desigualdade econômica, educacional e social no Brasil se configura como grande problema para a realização do ensino remoto. Ela dificulta o acesso e a permanência do discente, principalmente, da rede pública (Dos Santos Sousa *et al.*, 2021, p.14).

Nesse sentido, o desenvolvimento econômico sustentável mostra-se uma forma de a população educada no Ensino Fundamental contribuir para o seu próprio desenvolvimento econômico sustentável, pois cria uma força de trabalho mais qualificada, inovadora e produtiva, beneficiando a economia como um todo no longo prazo.

Segundo Bodart (2019, p. 14), nesse cenário, vale notar a carência de uma série de reflexões acerca do estudante na escola, “de suas experiências socializadoras, e da escola, destacando a crise de um modelo de socialização que reverbera no contexto escolar, este igualmente em crise, sobretudo por não dar conta de integrar atividades diferenciadas às da escola moderna”.

Nessa lógica, o acesso a recursos e tecnologias é fundamental para esse público, considerando a relação que se tem atualmente com esses mecanismos na sociedade. Algo que leva a crer que a gestão escolar pode trabalhar para garantir que os alunos tenham acesso a recursos e tecnologias que possam contribuir para o seu processo educativo, como bibliotecas, laboratórios, computadores e internet.

Na Educação Básica, ocorre a promoção da igualdade de oportunidades. Investir no Ensino Fundamental mostra-se uma forma eficaz de promover a igualdade de oportunidades. Proporcionar uma educação de qualidade a todos os

alunos, independentemente de seu contexto socioeconômico, de certo é um passo crucial para diminuir as disparidades existentes.

Ao apostar na Educação Básica, não apenas se investe no desenvolvimento individual dos alunos, mas também se constrói um alicerce para uma sociedade mais justa e economicamente equitativa no longo prazo. A Escola Pública desempenha um papel fundamental na redução das desigualdades econômicas no Brasil, logo consta de diversas razões para que isso aconteça no que incluem desde o acesso universal a inclusão social, propriamente dita. Além do mais como diz Ferreira (2021) que nesse contexto deve-se ter atenção para:

A mediação intercultural no contexto escolar e a escola é percebida enquanto uma estrutura com cultura organizacional que deverá construir pontes interculturais entre os alunos, as famílias e a comunidade, o que implica a descentração da figura do professor, que constitui o primeiro mediador sociopedagógico numa escola (Ferreira, 2021, p. 4).

Desse modo, valoriza-se a parceria entre escola e família. A figura do gestor escolar mostra ser central nesse cenário e deve valorizar a parceria entre escola e família como premissa para o sucesso do trabalho, reconhecendo o papel importante que as famílias desempenham na educação dos filhos. Isso pode contribuir para que as famílias se sintam mais motivadas e engajadas na relação com a escola. Os autores abaixo chama a atenção para:

A situação se tornou complexa para muitos educandos que moram em localidades de difícil acesso que não possuem provedores de internet ou que, quando têm conexão, esta é de baixa qualidade, sem condições de suportar uma aula on-line, sem contar com as capacidades pessoais em manusear as novas tecnologias. Destaca-se que a pandemia só reforça o ciclo de exclusão desses educandos (Dos Santos Sousa *et al.*, 2021, p.10).

Além disso, deve-se dar maior atenção ao acesso ao ensino, investindo em uma escola pública democrática que proporcione acesso universal à educação, garantindo que crianças de diferentes origens socioeconômicas tenham a oportunidade de receber uma educação de qualidade, independentemente de sua condição financeira.

Segundo Bueno *et al.* (2019, p. 13) a escola de Educação Básica deve ser protagonista em chamar a atenção do docente para situações que aproximem a família da escola, tendo como resultado que: “o professor ficará conhecendo melhor a família do aluno e, portanto, aquele que irá precisar de um atendimento mais

afetivo, por não contar com um ambiente favorável no seu lar, tanto no aspecto econômico como no de formação educativa”.

A Escola Pública deve ser o foco de redução de disparidades iniciais. Ao oferecer uma Educação Básica consistente e de qualidade desde o Ensino Fundamental, a Escola Pública contribui para a redução das disparidades iniciais entre os alunos, ajudando a nivelar o campo de jogo. Bueno *et al.* (2019, p.43) explicita essa visão:

O contínuo fazer e refazer da cultura dominante acontece nos processos de educação; na formação social mais ampla, como a família; na organização do trabalho; nas práticas cotidianas; na tradição seletiva em um plano intelectual e teórico. Essas forças colaboram para manutenção da cultura dominante, operando de modo específico no contínuo trabalho de conformação dessa cultura dominante. Assim, a educação do tipo escolar, interesse particular desse texto, participa de forma significativa no processo de seleção, conservação e legitimação da cultura dominante.

Logo, se a gestão educacional da Educação Básica adota o regime democrático em suas atividades, deve também adotar a transparência como mecanismo de cuidado ao uso de recursos de terceiros, sendo exemplo quanto à lógica de proporção ao bem-estar da sociedade por meio do uso eficiente de recursos, sobretudo público.

Advento do século XXI traz consigo o aprofundamento da discussão sobre a educação enquanto um meio de promoção da inclusão social, consubstanciada, por exemplo, nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, instituídas pelo Conselho Nacional de Educação, de 2001 (Da Silva *et al.*, 2018, p. 98).

No que se refere a inclusão social, a escola pública na Educação Básica é um ambiente inclusivo que atende à diversidade de alunos, promovendo a interação entre pessoas de diferentes origens e estimulando a inclusão social, o que pode contribuir para a quebra de estigmas e preconceitos.

Entrave para a inclusão é a palavra “preferencialmente”, que, segundo especialistas, abre espaço para que as crianças com deficiência permaneçam matriculadas apenas em escolas especiais. É importante ressaltar que a inclusão escolar, para ser significativa, precisa proporcionar o ingresso e permanência do aluno na escola com aproveitamento acadêmico, o que depende da atenção a suas peculiaridades de aprendizagem e desenvolvimento (Da Silva *et al.*, 2018, p. 98).

Nessa lógica, a Escola Pública na Educação Básica, além do desenvolvimento acadêmico, pode capacitar os alunos com habilidades sociais, emocionais e cívicas, preparando-os para se tornarem cidadãos ativos e conscientes de seus direitos e responsabilidades inerentes a realidade.

A presença do aluno na escola diz respeito à sua inserção em espaços públicos, em que possam socializar e aprender; a participação efetiva nas atividades escolares está sujeito às condições de acessibilidade e adaptações curriculares necessárias a cada sujeito; de modo que a atenção a essas questões possibilitarão a construção de conhecimentos, que é a função primordial da escola (Da Silva *et al.*, 2018, p. 98).

No tocante a oportunidades iguais de aprendizado, a escola de Educação Básica, ao oferecer uma educação gratuita e de qualidade, contribui para garantir que todos os alunos tenham oportunidades iguais de aprendizado, independentemente de sua condição econômica, se constituindo como uma ferramenta eficaz na quebra do ciclo de pobreza, proporcionando às gerações mais jovens as condições necessárias para superar barreiras socioeconômicas e buscar melhores oportunidades.

Diante de todas as dificuldades da educação brasileira, o grande desafio passou a ser a adequação ao novo cenário imposto pela pandemia, em razão das medidas emergenciais adotadas pelos governantes e dirigentes escolares, nomeadamente, a adoção do ensino remoto em todas as instituições de ensino públicas e privadas (Dos Santos Sousa *et al.*, 2021, p.10).

Em face do desenvolvimento de habilidades para o mercado de trabalho, uma educação pública eficaz na etapa de Educação Básica pode municiar os alunos com habilidades e conhecimentos necessários para ingressar no mercado de trabalho, contribuindo para o desenvolvimento econômico individual e coletivo.

Atualmente as famílias estão ausentes na vida de seus filhos, não podendo acompanhar seu desenvolvimento escolar e nem sua infância. Um dos fatores que avaliamos diz respeito ao fator tempo, bem como a crise econômica que tem exigido muito de cada indivíduo a um desdobramento maior em serviços. Assim, pais ou responsáveis, estão deixando as suas casas para irem ao encontro do mercado de trabalho em que possam sanar as necessidades básicas de sua família, e as crianças e adolescentes, por sua vez é quem ficam sob a responsabilidade de outras pessoas, quando deveria ser a família (Costa; Bandeira, 2022, p. 2).

Desse modo, para que a Escola Pública na Educação Básica faça a diferença nas desigualdades econômicas, é crucial que haja investimentos contínuos em infraestrutura, capacitação de professores, desenvolvimento de currículos inclusivos e políticas educacionais que visem à equidade e à justiça social.

É preciso que a escola estabeleça com a família uma relação de diálogo e respeito mútuo, na qual o gestor educacional possui um papel fundamental, pois a forma como ele conduz suas ações na prática é que irá determinar o bom relacionamento com a comunidade educativa e isso refletirá na aprendizagem e nos resultados satisfatórios (Silveira; Coelho, 2018, p. 7).

Desta forma, na Educação Básica, os alunos adquirem uma base de conhecimentos que desempenha um papel crucial na promoção da igualdade econômica. Esses conhecimentos incluem desde o foco na Língua Portuguesa e comunicação, até outros componentes curriculares.

Para Saviani (2020), algo na Educação Básica que deve ser foco é o efeito da Língua Portuguesa, pois habilidades sólidas de leitura, escrita, e comunicação são essenciais para que os alunos possam se expressar claramente, compreender informações e participar plenamente na sociedade. Por seu turno, a competência em Matemática Básica, é fundamental para a resolução de problemas cotidianos, gestão financeira pessoal e compreensão de conceitos econômicos básicos que envolvem a sociedade em todas as classes.

Com isso, corroboram os autores abaixo:

O IAS vincula a aprendizagem à gestão das escolas. Entende que a escola deve possuir uma gestão gerencial, rigidamente monitorada e com atividades padronizadas, através de aulas pré-determinadas e uma rotina. O foco deve ser na Matemática e na Língua Portuguesa, avaliadas nas provas nacionais, mostrando que a aprendizagem é um produto que pode ser mensurado através dos resultados das avaliações e metas preestabelecidas. Os programas do IAS seguindo essa lógica, apresentam um material com forte conteúdo prescritivo e com fortes implicações para a democratização da educação, especialmente para a autonomia docente [...] (Caetano; Peroni, 2022, p. 14).

Em relação às ciências, como componente curricular, a compreensão dos princípios científicos ajuda os alunos a desenvolverem habilidades críticas de pensamento, explorar o mundo ao seu redor e compreender questões relacionadas à saúde, ambiente e tecnologia. Daí a importância de motivar os alunos para um maior envolvimento com as atividades propostas.

O contato com a natureza através dos esportes de aventura é uma ótima ferramenta pedagógica para o ensino de uma Educação Ambiental. Mas não basta fazer com que os alunos visitem parques, bosques, sítios, lagos, cada ação tem que ter um motivo e o aluno deve entender o porquê daquela prática (Viana *et al.*, 2022, p. 10).

No sentido de conhecer sobre Ciências Sociais e História, evidencia-se que o conhecimento da História, Geografia e Ciências Sociais contribui para uma compreensão mais ampla da sociedade, sua evolução, diversidade cultural e questões econômicas ao longo do tempo.

Na educação financeira, noções básicas de educação financeira, incluindo o entendimento de orçamentos, poupança, investimentos e o funcionamento do Sistema Financeiro, são fundamentais para a tomada de decisões econômicas informadas. Nessa lógica, compete entender que:

Sendo assim, se é a favor de uma Educação Financeira que vá além das questões mercadológicas, e que esteja pautada em um trabalho de formação cultural, social, política, econômica, ambiental e ética, através de um processo educativo, que faça com que os estudantes sejam introduzidos no universo do dinheiro, mas que desenvolvam uma consciência crítica e reflexiva e saibam tomar decisões frente às mais diversas questões financeiras, que tenham consciência das armadilhas do marketing, que consigam distinguir um desejo de uma necessidade, e que tenham consciência de que o consumismo gera consequências não apenas financeiras, mas de impacto no meio ambiente (Vieira *et al.*, 2021, p. 18).

Por outro lado, para entender sobre tecnologia da informação, o foco deve ser a percepção da competência em tecnologia como essencial para a participação ativa na sociedade moderna e no mercado de trabalho. O acesso e entendimento das ferramentas digitais são importantes para a igualdade de oportunidades na sociedade atual.

Já em educação ambiental na Educação Básica, é necessário promover a conscientização sobre questões ambientais e sustentabilidade, proporcionando aos alunos uma compreensão crítica dos desafios enfrentados pelo mundo, incluindo questões econômicas relacionadas a recursos naturais. Nesse contexto,

A Educação Física, por ser uma área de conhecimento muito dinâmica e rica, e uma oportunidade de abordar a temática de Meio Ambiente em sala de aula. Para isso o trabalho interdisciplinar é visto como necessário. Unindo as mais diversas áreas do conhecimento o aluno vai ter um processo de aprendizagem e formação ampla, que vai possibilitá-lo agir, criticar e entender assuntos relacionados a preservação da biodiversidade, de maneira holística (Viana *et al.*, 2022, p. 10).

Acerca das habilidades sociais e emocionais, o desenvolvimento de habilidades como empatia, colaboração e resiliência, contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, capazes de lidar com as complexidades socioeconômicas.

Os conhecimentos adquiridos na Educação Básica fornecem aos alunos as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios econômicos, tomar decisões informadas e contribuir para uma sociedade mais justa e equitativa. Promover uma educação de qualidade para todos, independentemente de sua origem socioeconômica, é essencial para combater as desigualdades econômicas desde as fases iniciais da educação.

No tocante ao papel do Estado, espera-se um compromisso significativo para melhorar o Ensino Fundamental, envolvendo diversas áreas e aspectos conforme as demandas atuais da sociedade. Isso inclui expectativas desde os investimentos econômicos à formação ou qualificação dos docentes e demais profissionais da educação. Nesse contexto, os pesquisadores abaixo, destacam que:

Todavia, pontuam-se os desafios que ainda precisam ser superados: a ampliação de mudanças no currículo escolar a partir da representatividade negra entre os sujeitos da educação, da representatividade negra nos espaços estruturais e do diálogo com o Movimento Negro, tendo em vista que as proposições da EMEF estão centradas na introdução de conteúdos; a indisponibilidade de investimentos financeiros pelo poder público; o enfrentamento do desmonte dos núcleos de formação da Educação para as relações étnico-raciais; a qualificação social da formação inicial e continuada dos profissionais da educação; e a insuficiência de acervos didáticos e literários que proponham a representatividade negra e desconstruam estereótipos. São muitos os desafios encontrados para se propor a Educação para as relações étnicoraciais assim como para a implantação de um currículo inspirado na proposta da Justiça Curricular, que tem como propósito construir práticas curriculares que se comprometam com a superação das desigualdades, de modo a garantir que todos os sujeitos tenham acesso a conhecimentos que produzam a sua emancipação para compreender o mundo e a si mesmos, que sejam objetos de cuidados que lhes garantam condições dignas de vida e que saibam construir condições para uma convivência democrática e solidária como parte do currículo (Ponce; Ferrari, 2022, p. 16).

Nesse setor do investimento financeiro, o Estado deve alocar recursos adequados para infraestrutura escolar, materiais didáticos, tecnologia educacional, formação de professores e programas extracurriculares em consonância com as demandas atuais. Quanto à formação continuada de professores, é essencial oferecer programas de formação continuada e atualização para garantir que estejam

bem preparados para adotar práticas pedagógicas modernas e eficazes no contexto educacional.

Um Programa de Ensino relevante e atualizado é essencial para desenvolver e implementar currículos alinhados com as necessidades atuais, incorporando habilidades essenciais, educação financeira, tecnologia e outros conhecimentos relevantes. No que se refere ao acesso universal na educação básica, deve-se garantir que todos os estudantes tenham acesso igualitário a uma educação de qualidade, independentemente de sua localização geográfica, origem socioeconômica, etnia ou outros fatores. Assim temos que,

Neste contexto, a escola, a didática, o currículo escolar e sobretudo a avaliação são reflexos dessa estrutura complexa de relação de poder. A realidade então passa a ser o exercício da coação, da escola como obrigação, do professor como autoridade máxima e incontestável, onde estar na sala de aula é um desprazer (De Araújo; Gouveia, 2020, p. 6).

Assim, compete aos programas de apoio implementar estratégias para estudantes com necessidades especiais, garantindo inclusão e proporcionando recursos adicionais quando necessário para a comunidade escolar atual. A avaliação e acompanhamento é um outro aspecto imprescindível para desenvolver sistemas eficazes de avaliação e monitoramento do desempenho escolar, utilizando dados para identificar áreas de melhoria e implementar estratégias corretivas. Sobre a abrangência dos propósitos da educação, os autores abaixo comentam que,

Por outra, a educação, modernamente vista, não significa apenas bem em si e instrumentação fundamental da cidadania, mas condição de produtividade econômica. Com certeza, o sistema produtivo moderno valoriza a formação básica porque garante condições mais favoráveis de lucratividade. Todavia, isto serve de gancho estratégico para valorizar educação como investimento possivelmente mais relevante no desenvolvimento. Além do mais, é importante ressaltar que educação só tem a perder se ficar isolada na dimensão política da emancipação, porque é só metade da coisa participar, trabalhar/produzir é um todo só. Fundamental é reconhecer que, hoje, posições rígidas apenas fossilizam o conhecimento, que é o fator motor principal da nova sociedade globalizada. O centro da inteligência é aprender a aprender, saber pensar, ser crítico e analítico. Esse deve ser o centro da educação, e é dentro dessa perspectiva que a avaliação do desempenho escolar deve ser concebida (De Araújo; Gouveia, 2020, p. 7).

No que se refere ao uso de inovação pedagógica, é crível incentivar abordagens criativas e tecnológicas que melhorem o engajamento dos alunos e a qualidade do ensino alinhado às demandas atuais. Nesse aspecto, promover a

participação ativa da comunidade no processo educacional é fundamental, estabelecendo parcerias entre escolas, pais, organizações locais, e empresas. Para contribuir com essa percepção, compete entender:

No início do século XX, essa escolarização que se expandia passa a ser vista como inoperante, ineficaz. O internacionalmente renomado movimento da Escola Nova irá criticar a obsolescência dos métodos adotados, os limites e o conservadorismo da forma da escola, o engessamento das práticas de ensino, excessivamente centradas na palavra do professor. Defender-se-á, a partir de então, maior autonomia do aluno, liberdade nos métodos de ensino adotados, inovações nas estratégias didáticas, bem como a necessidade de se situar como ponto de partida do ensino o conhecimento prévio, ou seja, aquilo que o aluno já sabe e traz com ele. A escola aparentemente se abre. Ocorre que o formato da escolarização estava tão atado aos usos e costumes de uma rotina cristalizada que muito do que era defendido não passava dos portões da escola e não chegava, portanto, ao chão da classe. O debate sobre a inovação pedagógica teve lugar durante toda a primeira metade do século XX, embora as práticas de inovação tenham sido ainda um tanto quanto tímidas nesse período (Boto, 2020, p. 2).

Deve-se dar atenção às políticas de inclusão, desenvolvendo e implementando políticas educacionais que promovam a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas capacidades ou desafios específicos apresentados. Nesse sentido, é relevante evidenciar que:

A preocupação com sujeitos vulneráveis e marginalizados não é mera falácia, são usadas para justificar uma ação orquestrada de concentração de esforços aos mais desfavorecidos. Com este nobre fim, procuram justificar a ênfase atribuída à formação de competências socioemocionais, especialmente a tolerância e a resiliência para o projeto do capital. Enfatizam a educação para a paz, o interesse em promover sociedades pacíficas, por meio de estratégias de apassivamento e contenção dos mais pobres via conformação dos sujeitos resilientes. A inclusão é evocada várias vezes no documento, trazendo a aura do capitalismo humanizado (Shiroma; Zanardini, 2020, p.19).

Com certeza, algo muito apreciável nesse cenário é a maior valorização do Magistério, ou seja, reconhecer e valorizar os profissionais da Educação Básica, oferecendo salários competitivos, condições de trabalho adequadas e oportunidades de desenvolvimento profissional. Não há dúvidas de que essas ações são essenciais para criar um ambiente educacional que promova o desenvolvimento integral dos alunos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa e preparada para os desafios econômicos e sociais do futuro.

Nessa linha de raciocínio, constatamos que no processo de ensino e aprendizagem é de fundamental importância para o estudante entender

corretamente como que se dá a análise e a interpretação de um texto, e, principalmente em se tratando de um texto filosófico, ser capaz de extrair da leitura o máximo de subsídios para uma melhor compreensão de si e do mundo. Daí a importância da proposta hermenêutica para o Ensino Básico.

No que tange especificamente à hermenêutica de Paul Ricoeur, Sousa (2020, p.22) assim se manifesta:

Por fim, dentre as definições sugeridas por Ricoeur, há uma que não se encontra nos dicionários citados, a saber, (b) “Uma reflexão sobre a própria natureza do próprio compreender, as suas condições e o seu funcionamento”. Sendo assim, hermenêutica é, segundo Ricoeur, interpretação, método, como nos dicionários, e, além disso, reflexão no sentido de um pensamento acerca do próprio pensamento.

Nesse contexto, a presença da hermenêutica no Ensino Básico, principalmente no que tange o entendimento ricoeuriano, revela-se como uma ferramenta essencial no ensino de Filosofia, possibilitando a promoção de uma reflexão profunda sobre a própria natureza do entendimento e interpretação dos textos.

Uma vez que, em Paul Ricoeur a hermenêutica é entendida não apenas como um método de interpretação, mas como um exercício reflexivo que permite aos alunos questionarem e compreenderem os pressupostos que sustentam suas próprias interpretações.

Temos, portanto, que tal abordagem enriquece o processo de ensino ao promover uma compreensão mais abrangente e significativa do conteúdo filosófico. Neste sentido, a presença da Hermenêutica no Ensino de Filosofia, vista não como uma interpretação instrumental, mas como “Ciência do compreender” capacitaria os alunos a desenvolverem habilidades analíticas e interpretativas fundamentais tanto para a Filosofia, quanto para as demais áreas do conhecimento, contribuindo, portanto, para a formação de cidadãos livres e preparados para enfrentar os desafios que o mundo da vida oferece.

2.1 A relevância da hermenêutica de Paul Ricoeur para o ensino de Filosofia na Educação Básica

Paul Ricoeur, no livro *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação* (1965) investiga os usos a que a linguagem enquanto discurso é

submetida, buscando compreender a linguagem ao nível de produção seja em poemas, narrativas e ensaios, literários ou filosóficos, com o objetivo de transpor o limiar no qual a linguagem se apresenta como discurso. Já no primeiro parágrafo do capítulo inicial intitulado: Linguagem como discurso, o filósofo francês coloca:

Os termos em que o problema da linguagem como discurso neste ensaio são modernos no sentido de que não se teriam podido adequadamente formular sem o tremendo progresso da linguística moderna. No entanto, se os termos são modernos, o problema em si não é novo. Foi sempre conhecido. No *Crátilo*, Platão já mostrara que o problema da “verdade” das palavras isoladas ou nomes deve permanecer indecído porque a denominação não esgota o poder ou a função da fala. O *logos* da linguagem requer, pelo menos, um nome e um verbo e é o entrelaçamento destas duas palavras que constitui a primeira unidade da linguagem e do pensamento. E mesmo esta unidade suscita uma pretensão à verdade, a questão tem ainda de decidir-se em cada caso (Ricoeur, 1976, p.13).

Para o estudante do Ensino Médio, compreender o que constitui um discurso e sua importância para o convívio social é fundamental, pois o discurso expressa sentimentos, visões de mundo e modos de contar sobre si mesmo, ampliando assim a compreensão do estudante sobre a realidade em que está inserido. Essa dimensão discursiva é explorada de maneira exemplar na hermenêutica de Ricoeur, e, uma vez aplicada no ensino de Filosofia, permite aos alunos não apenas decifrar o significado das palavras, mas também refletir sobre a própria natureza da compreensão e interpretação.

Ricoeur (1976) afirma que este é o primeiro contexto em que se descobriu o conceito de discurso e que o erro ou a verdade são “afecções” do discurso. Assim, o discurso exige estes dois signos básicos – um nome e um verbo – que se conectam numa síntese que vai além das palavras.

Essa condição Ricoeur já encontra em Aristóteles, que no livro *Da Interpretação*, diz o mesmo. Isto porque, um nome tem um significado e o verbo, além do significado, possui a indicação do tempo, sendo a conjunção do nome com o verbo que produz um elo predicativo que se chama de logos ou discurso. É, segundo o filósofo francês, esta síntese que comporta o duplo ato de afirmação ou negação. E uma afirmação pode ser contradita por outra afirmação e, ainda, ser verdadeira ou falsa (Ricoeur, 1976).

A questão da linguagem é tão fundamental na contemporaneidade que vários filósofos têm se dedicado ao seu estudo, dentre eles Frédéric Cossutta (2001), que em seu livro *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*, expõe um

conjunto de ferramentas que permitirão ao leitor perceber tais textos em sua complexidade e produção de sentido, acessando os significados das diferentes teorias filosóficas.

O método apresentado por Cossutta (2001) traz um importante conceito que é a *Cena Filosófica*, cujo conhecimento e domínio se mostra como uma etapa preparatória para o trabalho de interpretação. O estudo dos textos filosóficos deverá despertar no leitor o interesse em identificar as marcas da enunciação filosófica. Buscando assim compreender os termos em que tais textos se expressam bem como sua relação com instituições e práticas sociais.

Cossutta (2001) ressalta que o dirigir-se ao leitor, a tentativa de persuadi-lo, exortá-lo a filosofar, não se dá por acaso, mas, mediante uma função textual chamada função de endereçamento. Esta função atribui um estatuto que o leitor poderá aceitar ou recusar, na medida em que o trabalho de convicção o faça um discípulo, um observador distante ou um adversário.

Desse modo, importa conhecer as maneiras pelas quais os sujeitos põem o discurso filosófico e se põem através dele. A leitura de um texto deverá implicar a compreensão intuitiva das relações postas pelas pessoas. Ou seja, entender as regras às quais o complexo de efeitos textuais está determinado. Sendo que tem-se então, que o destinatário de um texto não é percebido de modo passivo, a ele, compete impor a resistência potencial de sua incompreensão, de seus preconceitos e até mesmo de suas objeções.

Ver-se que, “a função atribuída ao destinatário representa um papel primordial tanto para a recepção do texto pela cena social e institucional em que ele se inscreve, quanto para sua estruturação interna, já que define em grande parte as condições de sua legibilidade” (Cossutta, 2001, p. 23).

De acordo com o autor supracitado, a produção textual pode incorporar a si as doutrinas já existentes em diferentes épocas, referindo-se a elas ou citando-as. Cabendo a cada Filosofia resolver o problema de sua inserção no campo pré-constituído dos saberes, das práticas e das Filosofias já instaladas. Para Cossutta (2001, p.6):

Só começamos a nos enraizar num universo de pensamento quando a leitura de uma passagem se enriquece com a totalização das apreensões fragmentárias precedentes. O texto se torna inteligível graças a reativações constantes, cada momento se apoiando nos precedentes, ou antecipando as análises que virão.

Nessa visão, os conceitos filosóficos se apresentam como organizadores da lógica interna do discurso operando uma mediação entre o particular e o universal, se constituindo como intermediário entre a imagem e a forma, entre o vivido e o abstrato.

Cabe recorrer que o método de leitura e interpretação dos textos filosóficos sugeridos por Ricoeur e Cossutta se apresenta em três etapas, sendo a primeira a percepção do leitor de que tal texto se mostra como uma complexidade produtora de sentido, dentro de um quadro que Ricoeur chama de *A dialética de evento e significação* e Cossutta (2001) de *Cena Filosófica*. Ambos os autores consideram a análise das pessoas do discurso e suas funcionalidades, desembocando então na análise das construções conceituais, buscando a constituição de um universo autônomo de significação para se alcançar a comunicação. Segundo Ricoeur (1976, p.28):

O que se pode comunicar é, antes de mais, o conteúdo proposicional do discurso, e retrogradamos assim para o nosso critério principal – o discurso como evento mais o sentido. Porque o sentido de uma frase é, por assim dizer, “externo” à frase, pode transferir-se; a exterioridade do discurso a si mesmo – que é sinônima da autotranscendência do evento na sua significação – abre o discurso ao outro. A mensagem tem o fundamento da sua comunicabilidade na estrutura da sua significação.

Nessa perspectiva, busca-se ainda, o entendimento sobre a dinâmica e aquisição do conhecimento em Filosofia e encontra-se em Folscheid e Wunenburger (1994). Com vista o seguinte: os conhecimentos filosóficos não são ‘conhecimentos’ ordinários que poderíamos ‘aprender’, sem penetrá-los e ser por eles penetrados, tal como se preenche um espírito ignorante em conteúdos puramente exteriores. Procedendo assim, pode-se evidenciar que no máximo adquirir uma ‘bagagem’ que como o nome indica sobrecarregaria e esmagaria o espírito, o qual permaneceria inalterado.

Com isso, atenta-se que “certamente é possível aprender pensamento sem pensar por si mesmo e repeti-los sem implicar-se neles, até sem compreender. Mas então se pensa apenas por procuração. Ou seja, não se pensa” (Folscheid; Wunenburger, 1994, p. 8).

Por seu turno, Cossutta (2001) destaca que ao se deparar com um texto filosófico, o leitor se confronta logo de imediato com as dificuldades decorrentes da terminologia empregada. Ao que deve determinar o sentido das expressões ou

procurar conhecer suas definições. E, conclui Cossutta: seria como se cada Filosofia reinventasse a linguagem.

Ainda ensina Cossutta (2001), que o conceito filosófico se apresenta como um operador textual, permitindo categorizar o real ou o ser, integrando-os no domínio do dizível. E acrescenta,

Para isso ele deve articular um termo significante (aquele que figura no léxico de uma doutrina ou da Filosofia em geral) a um sentido (conjunto de propriedades que o especificam) e uma referência (designação de entidades extralinguísticas). Essa definição funcional oferece a vantagem de proibir-nos de reduzi-lo a uma dessas dimensões: o conceito não é nem a palavra, nem a coisa, nem sua relação, como também não é a imagem mental que lhe está associada. Ele é um objeto do pensamento construído dentro da ordem da representação, pela qual tentamos retribuir, de forma unívoca e explícita, a significação que queremos dar às palavras, às coisas e à sua relação (Cossutta, 2001, p. 50-51).

A compreensão de uma obra filosófica passa, portanto, pela identificação da significação de um discurso, do cenário filosófico e do destinatário da obra. Daí que a identificação do regime enunciativo possibilitará uma melhor compreensão das ideias problematizadas.

Ao ler um texto filosófico precisamos dirigir nossa atenção ao conjunto dos conceitos utilizados e, até mesmo criados na obra, sendo fundamental atentar para o fato de que os sentidos empregados podem ser exclusivos para cada autor. “O filósofo constrói um universo definido e ordenado de palavras e de frases que desnorteia o leitor e provoca um sentimento de incompreensão por perda de orientação, de inteligibilidade” (Cossutta, 2001, p. 60).

Ricoeur (1976), Cossutta (2001) e Folscheid e Wunenburger (1994) ensinam que as proposições filosóficas exprimem o conteúdo do pensamento em uma língua própria, com suas especificidades e tecnicidades. E a sua compreensão requer que se determine um conteúdo inteligível, a significação e o sentido. Há então que se ter em mente que, o estudo da Filosofia se caracteriza como uma tarefa árdua, que para além da obscuridade de seu estilo abrange o todo da discursividade filosófica.

Em Silva e Lopes (2018, p. 4), consta de menção a lógica filosófica de Ricoeur, em:

“os educadores podem auxiliar seus alunos a realizarem um esforço reflexivo para que eles tomem consciência de si, possibilitando-os a alcançarem a fase adulta com perspectivas de realizarem seus projetos pessoais e sociais com responsabilidade diante de seu próprio agir.

Assim, o estudo de um texto filosófico deve despertar para um certo problema, pretérito ou atual, ou de um problema que afeta o ser humano, em dar uma ideia de como foi tratado e resolvido por outros, despertando o desejo de escrever o próprio texto. Em Fonseca (2009, p. 3), nota-se com vista uma relação com a obra e pensamento de Ricoeur

A hermenêutica de Ricoeur não consiste tanto na construção/captação do sentido dos símbolos, dos mitos e das metáforas, num primeiro momento, pelo seu excesso de sentido ou pelo seu potencial de sentido, ou seja, porque contêm sempre mais sentido do que aquele que exprimem verbal e literalmente e por isso mesmo necessitam de ser interpretados, e, posteriormente, sobre a narrativa, na qual salienta o seu carácter inventivo e criador, mas no esforço efectivo de compreensão de nós próprios e do mundo. É que a narração permite a compreensão de nós próprios numa dimensão temporal, isto é, histórica, mas, mais que isso, permite a compreensão de nós próprios na nossa historicidade.

A doutrina Filosófica exige uma definição clara e distinta, impõe-se que identifiquemos nos textos aquelas palavras que têm função conceitual, que carregam o vivido e, assim, analisando o movimento que instaura os conceitos fundamentais das teorias. Lembrando que os conceitos trazem consigo um significante que é sua própria definição e um significado que é a vivência ou imagem. Nisso, importa ter explícito que:

Hermenêutica e dialética são temas relevantes da Filosofia após a reviravolta linguístico-pragmática. Eles desencadeiam o debate Gadamer-Habermas em torno de questões sobre o modo de conhecer das ciências humanas e sociais. O filósofo francês Paul Ricoeur, em várias de suas obras, desenvolve uma discussão a partir dessa polêmica entre a hermenêutica das tradições, sustentada pelo filósofo Hans-George Gadamer em sua obra *Verdade e Método* e a crítica das ideologias, desenvolvida por Jürgen Habermas na lógica das ciências sociais (Pieterzack, 2009, p. 10).

A Filosofia exige do estudante algo como um exercício intelectual, está atento ao vivido perceber a evolução que se processa na essência da vida. Entender um discurso com os seus conceitos filosóficos, implica conhecer as especificidades de cada filósofo, a considerar que os termos em Filosofia podem adquirir diferentes significados. A Filosofia é, pois, uma constante elaboração de um discurso com conceitos, significados e sentido. Uma percepção na abordagem de aspectos particulares da realidade. Conforme Melo (2016, p. 4), consta:

A linguagem como fala ou discurso – e a coincidência existente, embora parcial, entre esse objeto e o da hermenêutica de Ricoeur. Permite-nos também entender que a psicologia fenomenológica, respaldada numa teoria da linguagem fundada na fenomenologia, porém acrescida das descobertas viabilizadas pela linguística (a teoria do discurso formulada pelo filósofo), pode também ser enriquecida e melhor praticada. Isso se torna ainda mais evidente se considerarmos o que acontece quando se dá a passagem da fala à escrita, mudanças essas explicitadas na teoria do texto proposta pelo autor.

Nesse sentido, a linguagem exerce constante esforço para dizer o mundo, o que o faz através da verossimilhança. Busca dizer sobre um estado de coisas, o modo de comportamento de algo, o modo como esse algo se apresenta aos sentidos. A partir dessa constatação, o filósofo busca uma terminologia que seja capaz de dizer o mundo nessa relação de conhecimento e criando novas palavras que tentam expressar conceitos não definidos em nossa língua, desenvolvendo deste modo, uma conceitualidade a apontar para o específico da existência.

Segundo Almeida (2015, p. 23), “Ricoeur começa a compreender que a fenomenologia do voluntário e do involuntário era capaz somente de dar conta das fraquezas de um ser exposto ao mal e capaz de fazer o mal, mas não de ser realmente mau”. Desse modo, objetivando uma passagem do concreto para o abstrato, os textos filosóficos operam em um processo de substantivação, em que os termos da linguagem se tornam conceitos, desenvolvendo assim, a semântica filosófica, originada a partir dos conceitos que formam a sua terminologia. Daí porque, ao estudarmos os textos filosóficos devemos identificar conceitos e, buscar perceber como estes se referem ao mundo.

Em Silva e Lopes (2018, p. 3), tem-se o registro de que

[...] ciente do contexto em que vivemos e da complexidade que envolve o ensino de Filosofia para os jovens aqui em nosso país, há de ser levada em conta que nossa cultura não possui o hábito de leitura de livros. E, a maioria de nossos jovens mal sabe realizar uma interpretação textual.

Diante deste cenário, defende-se que, assim como é imprescindível para a realização de um trabalho qualificado de ensino e aprendizagem, o conhecimento das teorias do desenvolvimento humano e teorias da educação, ser igualmente basilar que o profissional docente em Filosofia tenha em mente a necessidade de orientar o seu trabalho em consonância com as teorias hermenêuticas, razão pela qual nos propomos a investigar em que termos a hermenêutica de Paul Ricoeur

pode contribuir para um ensino de Filosofia que faça sentido na experiência de vida do aluno enquanto Ser de ação e responsabilidade.

Neste sentido, (Silva, 2011, p. 24) destaca que, “na educação, a Filosofia de Ricoeur parece-nos pertinente, dado que o autor se preocupa com o fator humano e com o ser humano; preocupa-se com aquilo que uma obra pode oferecer para a compreensão do humano ou do mundo que o cerca”. Por seu turno, Silva e Lopes (2018, p. 48) ressaltam que:

O projeto filosófico ricoeuriano consiste em mostrar que toda a Filosofia é hermenêutica, e o que isto quer dizer? Que toda a sua preocupação está centrada numa preocupação antropológica, ou seja, busca-se compreender o homem, quem ele é, sua historicidade, sua atuação no mundo. É necessário ressaltar que a hermenêutica proposta por Paul Ricoeur não consiste apenas na procura e apropriação do sentido nos textos, mas numa apropriação de compreensão de nós mesmos e do mundo em que estamos inseridos.

Assim, em conformidade com os pesquisadores acima, entende-se que a hermenêutica poderá contribuir no trabalho do professor de modo a favorecer o desenvolvimento em seus alunos das habilidades de leitura e interpretação tanto de textos filosóficos quanto dos demais gêneros textuais, com os quais se relacionam em seu dia a dia. Nessa perspectiva, trata-se de algo que se articula aos diferentes conhecimentos de modo crítico e reflexivo, e conduzindo a uma melhor compreensão da realidade. Sobretudo para a intervenção mais assertiva no ensino básico, com propostas inovadoras e estimuladoras da melhoria educacional dos estudantes.

2.2 Particularidades que envolvem o ensino de Filosofia na educação básica

Com vista à efetivação do ensino de Filosofia na Educação Básica, é notável que esta Disciplina possua particularidades fascinantes e complexidades no trato e alcance de seus objetivos, seja como registrado na legislação vigente, seja como direcionado pela literatura aceita da área. Sendo assim, merece uma maior atenção de educadores e profissionais da educação, além de gestores do processo educacional e formuladores de diretrizes de ensino. Sobre o papel da Filosofia no entendimento do conhecimento, Pieterzack (2009, p. 24), assim se manifesta:

A Filosofia do século XIX quer emancipar-se do idealismo, apelando para os conceitos de ciência e história. Decorre daí que se muda o significado que se tinha, pelo menos até Hegel, de que a Filosofia é a condição fundamental do carácter científico do conhecimento. A partir dessa mudança, falar em conhecimento filosófico significa tratar de conhecimento histórico.

Nesse sentido, a inclusão da Filosofia no Ensino Básico oferece uma oportunidade única para os estudantes explorarem questões fundamentais relacionadas à compreensão da existência, ética, conhecimento, política e outros temas relevantes da realidade ou universo dos indivíduos. Segundo Silva (2019), os benefícios dessa abordagem são evidentes no ensino de Filosofia na escola, conforme ele observa:

Quando o aluno por si mesmo compreende, dá sentido a algo, isto possibilita uma mudança na mente, em seguida se torna uma mudança na conduta, porque o indivíduo ajusta sua forma de comportar-se ao novo sentido que foi por ele construído na mente, porque uma vez que se tem “compreendido”, isto passa a converter-se em uma nova certeza e, esta nova compreensão possibilita ao indivíduo tolerar diferentes interpretações, desde perspectivas distintas em ocasiones diversas (Silva, 2019, p. 3).

Desse modo, uma das particularidades do ensino de Filosofia na educação básica volta-se para a necessidade de adaptar os conteúdos filosóficos à linguagem e ao contexto de vida dos estudantes. Com base nisso requer uma abordagem pedagógica que estimule a reflexão crítica, o diálogo e a análise conceitual, enquanto respeita a capacidade cognitiva e a experiência de vida dos alunos em atividades educacionais.

É a partir dessa interpretação que a Hermenêutica contemporaneamente é defendida por muitos educadores como uma Disciplina fundamental, por oferecer aos alunos condições cognitivas que contribuem para a construção de um pensamento autônomo e crítico. Ao promover a análise de textos e a interpretação de diferentes significados, a Hermenêutica permite que os alunos desenvolvam importantes habilidades para a formação de juízos reflexivos e fundamentados. Essa abordagem, além de enriquecer o aprendizado filosófico, contribui também para a formação de cidadãos mais conscientes de sua realidade, capazes de dialogar e participar ativamente da complexidade da dinâmica social.

Nesses termos, a Hermenêutica se torna uma ferramenta valiosa para o processo de ensino e aprendizagem em Filosofia, atuando como um instrumento

que induz a diversidade de interpretações e o respeito às experiências de vida dos estudantes, promovendo, assim, uma aprendizagem significativa e transformadora.

De acordo com Jesus (2020, p. 1) “uma interpretação hermenêutica, na visão de Paul Ricoeur é fundamental para a compreensão de leituras que convergem para olhares técnicos e práticos, além das divergências e contradições de saberes e conhecimentos na esfera da educação”.

Para tanto, o ensino de Filosofia na Educação Básica deve enfatizar a interdisciplinaridade, conectando os conceitos filosóficos com outras áreas do conhecimento, como História, Literatura, Ciências Sociais e Arte. Além de estimular a compreensão da realidade objetiva e subjetiva que envolve o ser humano. Tal abordagem amplia a compreensão dos estudantes sobre a relevância da Filosofia em diferentes contextos e enriquece sua capacidade de fazer conexões entre diferentes unidades curriculares que a escola oferece. Lima (2010), expressa o objetivo do ensino de Filosofia na com a seguinte premissa:

Acreditamos que a contribuição significativa da Filosofia, ao abordar a própria Filosofia, a educação e a cidadania, é cumprir com a sua especificidade: a ruptura com o senso comum e com o dogmatismo, propiciando a abertura para o debate, a crítica, a manifestação da contradição no âmbito da relação entre o público e o privado, naquilo que é urgente para a construção da cidadania (Lima, 2010, p. 2).

Outra particularidade importante no ensino de Filosofia na Educação Básica é a promoção do pensamento crítico e da argumentação fundamentada em autores relevantes. Ou seja, cabe ao ensino de Filosofia na Educação Básica oferecer uma oportunidade valiosa para desenvolver habilidades analíticas e argumentativas junto aos alunos, capacitando-os a avaliar diferentes perspectivas, formular argumentos consistentes e a defender seus pontos de vista de maneira respeitosa e plural.

Na lógica de Pieterzack (2009, p. 25), cumpre afirmar que o foco do ensino de Filosofia, antes visto como um ponto fixo, agora deve ser visto de forma que “passa a ser dependente de diversos fatores (naturais, sociais, econômicos, psicológicos...). A relatividade desses fatores externos torna-se um problema para uma Filosofia que pretendia encontrar sua identidade na Teoria do conhecimento”.

De todo modo, é crucial considerar nesse cenário a diversidade cultural e a pluralidade de ideias ao abordar temas filosóficos na Educação Básica. Isso envolve explorar filósofos de diferentes origens culturais, bem como apresentar perspectivas não ocidentais e incentivar o diálogo intercultural entre os alunos e seus pares.

A história da educação é também uma história da civilização. A educação e Filosofia sempre tiveram uma relação de vínculos intrínsecos, de modo que a educação, embora se expressando como práxis sociais, nunca deixou se referenciar nos fundamentos da Filosofia (Moreira *et al.*, 2023, p. 61).

O papel do educador no ensino básico é fundamental para criar um ambiente acolhedor e estimulante para o ensino da Filosofia. Os professores precisam ser facilitadores do pensamento crítico, tutores do saber, estimular o questionamento reflexivo dos alunos e promover um ambiente onde ideias diversas sejam valorizadas e discutidas de maneira construtiva e positiva. Ainda na visão dos autores acima, no ensino de Filosofia na educação básica interessa evidenciar que:

Cada sociedade possui um ideal de ser humano, cujas características intelectuais, físicas e morais norteiam a educação dessa sociedade. Assim, a educação perpetua essa heterogeneidade de indivíduos, o que permite que ela exista. É nessa transformação do ser individual em coletivo, ou melhor dizendo, nessa socialização do indivíduo que são criadas as bases da existência da sociedade. (Moreira *et al.*, 2023, p. 61).

Ao explorar mais sobre as particularidades do ensino de Filosofia na Educação Básica, é essencial ter interesse em outros aspectos relacionados à Filosofia, o que possibilita uma maior compreensão dos saberes e conhecimentos que permeiam a realidade do aluno. Logo, deve-se perceber que “a educação é uma das atividades mais elementares de toda a história humana pelo fato de que a sobrevivência dos indivíduos está intimamente relacionada à transmissão de uma herança cultural de uma sociedade” (Moreira *et al.*, 2023, p. 61).

Em face da hermenêutica de Paul Ricoeur é sobremaneira ideal explorar o tema como sendo fascinante além de complexo, logo merece maior atenção de educadores e educandos. Ricoeur é um filósofo francês do século XX, conhecido por suas contribuições significativas junto a Filosofia da linguagem, com ênfase na Hermenêutica e Fenomenologia, entre outros campos. Em Almeida (2015), registra-se acerca do autor:

Paul Ricoeur nasceu em 25 de fevereiro de 1913, em Valence, onde seu pai tinha como profissão ser professor de inglês¹. Órfão dos pais, ele foi criado por seus avós em um ambiente familiar idoso, onde recebeu toda a sua educação num lar protestante de orientação calvinista. Diante da educação que recebera de seus avós, Paul Ricoeur herdou a prática de ler diariamente a Bíblia. Desde cedo procurava realizar uma leitura não literalista das Escrituras buscando mais uma leitura dos Salmos, dos livros de Sabedoria e das Bem-Aventuranças que inspirassem a vida cotidiana (Almeida, 2015, p. 14).

Ricoeur desenvolveu uma abordagem hermenêutica que se concentra na interpretação e compreensão de textos, símbolos e significados em contextos culturais e históricos. Isso é relevante para a Filosofia na Educação Básica, pois sua hermenêutica busca reconciliar a distância entre o texto e o leitor, enfatizando a importância da linguagem, da narrativa e da ação simbólica na interpretação humana, Segundo Pieterzack (2009, p.11):

A reflexão de Paul Ricoeur é notoriamente original para o debate entre a razão hermenêutica e a razão crítico-dialética. Diante da problemática anunciada, ele centra a sua preocupação numa reflexão crítica das propostas de Gadamer e Habermas, sem, no entanto, negar suas contribuições ou simplesmente afirmar uma das duas, mas propondo uma reformulação do projeto hermenêutico.

Dentre as contribuições de Paul Ricoeur para a hermenêutica, temos a ideia de "tríplice mimese", que envolve três níveis de mimese ou imitação: pré-figuração (pré-estruturação do mundo pela linguagem e símbolos), configuração (interpretação criativa por meio da linguagem), e refiguração (a aplicação contínua de significados através da ação humana).

Essa abordagem oferece importantes insights sobre o papel da linguagem e da interpretação na construção do significado das ideias expostas em textos filosóficos, como observa Sousa (2020, p. 3), ao destacar: “conceito de reconhecimento é recorrente em suas leituras filosóficas, cabe ao filósofo saber se está lidando com um conceito ou com um pseudo-conceito, isto é, com um termo que aparenta ter um significado mais relevante para obra do que de fato tem”.

Ricoeur explora temas como a identidade pessoal, ética, justiça e memória, que se conectam à sua hermenêutica e a uma compreensão mais ampla da condição humana. Sua obra influenciou significativamente campos como Teologia, Psicanálise, Filosofia Política e estudos literários diversos, demonstrando a amplitude e a relevância de sua abordagem hermenêutica filosófica. Neste sentido, Sousa (2020), escreve:

Assim, o lexicógrafo pode apresentar tanto os significados mais comuns, quanto um pouco dos significados mais técnicos sobre os termos, para se ter uma base conceitual para uma análise perante as obras filosóficas. Este modelo de análise é muito comum em escritos filosóficos, o de elucidação dos sentidos que determinado conceito apresentou perante a história da Filosofia, a novidade de Ricoeur se dá no reconhecimento da importância que a linguagem coloquial tem perante tal tarefa (Sousa, 2020, p. 3).

É relevante ressaltar que a Hermenêutica de Paul Ricoeur é multifacetada, envolvendo conceitos como distanciamento crítico, interpretação simbólica, tempo narrativo e identidade narrativa. Assim, recomenda-se investigar suas obras fundamentais, como "*A metáfora Viva*", "*Tempo e Narrativa*" e "*A Memória, a História, o Esquecimento*", para uma compreensão mais aprofundada de sua hermenêutica.

Segundo Jesus (2020, p. 1), "a hermenêutica, para Paul Ricoeur, é um guia metodológico de orientação de leitura e escrita de textos e obras que busca a compreensão de uma obra, teórica ou poética". Ainda (Jesus, 2020, p. 1) acrescenta que "uma interpretação hermenêutica, na visão de Paul Ricoeur é fundamental para a compreensão de leituras que convergem para olhares técnicos e práticos, além das divergências e contradições de saberes e conhecimentos na esfera da educação".

Temos, portanto, que, ao discutir aspectos específicos da Hermenêutica de Ricoeur, deve-se explorar outras áreas relacionadas à Filosofia contemporânea, alinhando-se diretamente à continuidade de um entendimento que não se isola, mas requer maior consulta a outras vertentes e pensamentos filosóficos.

2.3 A importância da hermenêutica para o entendimento dos conceitos filosóficos, a apreensão e produção de conhecimento em Filosofia

No que concerne à Hermenêutica de Paul Ricoeur, é verdadeiramente intrigante e merece ser explorada em maior detalhe. Ricoeur, um renomado filósofo francês do século XX, é reconhecido por suas significativas contribuições para a Hermenêutica, bem como para a Fenomenologia e a Filosofia da linguagem. Em Fonseca (2009, p. 2), salienta-se que:

Trata-se, portanto, de uma obra viva, aberta e não mumificada ou fechada dentro de si mesma, mas de uma obra que quer compreender e se quer compreender pela mediação de outros, como, aliás, o exige a sua proposta hermenêutica. Se a questão hermenêutica é, de resto, a sua preocupação central – durante a maior parte da sua vida e, por isso também, grande parte da sua obra lhe é dedicada – e se se trata de dilucidar o problema filosófico da compreensão hermenêutica, isso só é possível através da mediação, na convicção de Ricoeur, mediação essa proporcionada por todos os campos atrás referidos.

Ricoeur aborda a Hermenêutica de maneira abrangente, buscando compreender a natureza da interpretação humana, especialmente no contexto da leitura e compreensão de textos. Sua abordagem enfatiza a importância da linguagem, seja na narrativa, seja nos símbolos, na criação de significados e na transmissão de conhecimento ao longo do tempo. Essa ênfase na linguagem e na interpretação é evidente também em Fonseca (2009, p.2), que afirma:

É que não há compreensão e, conseqüentemente, interpretação sem mediação. A mediação é condição de possibilidade da compreensão e da interpretação. Por isso, a sua obra se caracteriza pelo diálogo constante, atento e vivo, aberto e crítico, que mantém com todos os ramos do saber dentro das chamadas Ciências Humanas e, assim, todo esse diálogo, indispensável e imprescindível pela mediação que possibilita, se encontra subordinado à questão central que é a questão hermenêutica e em vista da mesma questão hermenêutica.

Em sua Hermenêutica, Ricoeur explora a relação entre linguagem, texto e interpretação. Nisso, o autor também propôs uma abordagem distinta para compreender a interpretação como um processo duplo de "distanciamento" e "reunião", destacando a necessidade de uma distância crítica em relação aos textos, seguida por uma reconexão criativa com seus reais significados. Conforme Almeida (2015), afirma:

A mediação por meio dos textos parece restringir o campo da interpretação à escrita e à interpretação em detrimento das culturas orais e até mesmo não verbais. Mas o que a definição acaba perdendo em extensão ela ganha em intensidade. A escrita abre recursos originais ao discurso. É por causa da escrita, que o discurso apresenta uma tripla autonomia semântica em relação à intenção do locutor, à recepção pelo auditório primitivo, às circunstâncias econômicas, sociais, culturais da sua produção. É por causa disso que o escrito se liberta da limitação do diálogo frente-a-frente e se torna a condição do tornar-se texto do discurso (Almeida, 2015, 37).

Por meio dessa visão em Ricoeur, elabora-se um pensamento sobre a noção de "tripla mimese", que envolve os níveis de prefiguração, configuração e refiguração.

Sobre a ideia de tripla mimese em Paul Ricoeur, Barros (2012) destaca que a Hermenêutica ricoeuriana avança para além do que faz a Crítica literária, por exemplo, ocupada em examinar os sentidos e significados de um texto, e aglutina em si elementos de ciências como a Semiótica estruturalista, a Teoria da comunicação e a Linguística, englobando ao mesmo tempo, em seu raio de

investigação, as estruturas ocultas que regem um texto, os modos como se estabelecem a relação de um texto, além de buscar compreender os mecanismos de funcionamento da própria linguagem. E, neste sentido, destaca que,

A Hermenêutica proposta por Paul Ricoeur toma para si um pouco de todas estas questões, e as insere em um único movimento situando-as no interior de uma ambição mais ampla que é a de examinar as relações entre um Texto e o Viver. Mais do que isto, fiel à tradição que faz da Hermenêutica uma “ciência sobre o outro”, a Hermenêutica de Paul Ricoeur procurará recolocar este complexo de questões em um círculo eternamente renovado no qual adquirem a mesma importância os produtores de textos e os leitores (ou os artistas e os consumidores de arte), integrando-se todos em um movimento criador que parte do Vivido e retorna a este mesmo Vivido. Paul Ricoeur chamará a este processo de “Círculo Hermenêutico” (uma expressão que já fora utilizada por Heidegger e Gadamer), considerando que, para ele, este círculo apresenta três momentos (uma estrutura trifásica e móvel que retorna sobre ela mesma). (Barros, 2012, p.17)

Nesse contexto, ainda sendo Barros (2012), essa interação entre vivência e reconhecimento se estabelece entrelaçando três momentos, denominados *mimeses* 1, 2 e 3 em que a *mimeses* 1 é a prefiguração, ou seja, o campo prático, o próprio viver; a *mimeses* 2 é a configuração textual, isto é, o mundo do autor que transforma a pré- narrativa em narrativa; e, finalmente, a refiguração que consiste na recepção da obra pelo leitor permitindo assim que a história retorne ao vivido.

Sendo assim, esse conceito destaca a importância da pré-compreensão simbólica na interpretação humana, juntamente com o papel ativo da linguagem na formação contínua de significados.

Em Almeida (2015, p. 37), tem-se que: “o papel da hermenêutica será o de investigar as consequências deste tornar-se texto por meio da interpretação”. Ao longo de sua obra, Ricoeur também explorou temas como a Identidade pessoal, a Ética, a Justiça e a Memória, conectando sua Hermenêutica a questões fundamentais da existência humana. Em sua abordagem multidisciplinar, influenciou campos diversos, desde a Teologia até os Estudos literários, demonstrando o alcance abrangente de suas ideias na história e literatura voltadas para o ambiente escolar. Segundo Silva (2019, p.7):

Este arco interpretativo possibilita ao ser humano refletir sobre sua própria existência configurando uma identidade de si mesmo, permitindo-lhe auto interpretar-se a partir de uma das experiências vividas, assim a temporalidade e a historicidade emergirão como aspectos centrais de uma identidade narrativa. O conceito de identidade narrativa, de acordo com Ricoeur, constitui uma apreensão da vida na forma de uma história e

determina a compreensão da boa vida, resultando em um agir eticamente. Desta forma, o arco interpretativo possibilita uma reconfiguração da identidade do sujeito da ação, tornando-o um leitor e escritor de sua própria vida.

Na Educação Básica, a inclusão da Filosofia no currículo visa promover o pensamento crítico e estimular a reflexão ética, capacitando os alunos a analisarem questões fundamentais sobre a existência humana e o mundo que os cerca. De acordo com Lima (2010, p.7), é possível destacar a criticidade forjada no ensino de Filosofia:

Podemos dizer que o futuro da Filosofia depende de sua capacidade de auto-reconstrução conceitual e, ao mesmo tempo, da efetivação da atividade filosófica como trabalho crítico do conceito que busca a elaboração de teorias com intenções práticas, construindo hipóteses plausíveis orientadoras do sujeito capaz do exercício constante de investigação. É essa capacidade de auto-reconstrução conceitual o que torna a Filosofia eficaz, dando-lhe condições de permanecer fiel à práxis que a engendrou. Lembrando que em Filosofia, mas não exclusivamente em Filosofia, as conclusões são transitórias, não definitivas; isto é, abertas a novas ponderações.

É relevante destacar que o desenvolvimento do pensamento crítico é uma particularidade importante do ensino de Filosofia na Educação Básica, incentivando os alunos a questionar, argumentar e refletir sobre questões filosóficas desde a mais tenra idade. Voltado ao que registrou Santos (2005, p.5), existe uma relação com outros saberes e conhecimentos ao ensinar Filosofia na escola:

Considerando que, vivemos num mundo em constante globalização e que pauta em grande medida suas relações a partir do universo das Tecnologias de Comunicação e Informação, possibilitando significativas mudanças tecnológicas-sociais-econômicas-políticas, seria importante, então, que a Educação e mais precisamente os processos de ensino-aprendizagem propostos no Ensino da Filosofia, pressuponham a atualização de ferramentas que impliquem o desejo da prática da leitura e da escrita, como elementos indispensáveis para as relações dos sujeitos com o mundo que os cerca.

É imperioso ressaltar que, uma abordagem interdisciplinar, em que a Filosofia dialoga com diversas outras disciplinas, como História, Sociologia, Ética, Política e Literatura enriquece a experiência educacional dos estudantes.

Conforme Jesus (2020, p. 7), “o texto, tanto do ponto de vista sociológico quanto do psicológico, deve descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa nova situação: é o que justamente faz o ato de ler”. Uma

característica particular da Filosofia na Educação Básica é a contextualização histórica e cultural, ajudando os alunos a compreenderem as origens e evolução do pensamento filosófico ao longo do tempo.

Esses exemplos de princípios éticos universais discutidos na Filosofia geral são bases relevantes na discussão ética, mesmo reconhecendo sua complexidade. Diferentes abordagens e teorias filosóficas podem oferecer perspectivas variadas sobre o assunto a serem reconhecidas e estudadas (Da Silva; Lopes, 2018). A Filosofia na escola e as orientações da educação para o homem têm sido abordadas por diferentes filósofos ao longo da história, como expressa Bregalda (2015). Nesse cenário, é importante discutir temas relevantes, como Ética, Justiça, Liberdade, Verdade, Conhecimento e Moralidade humana, temas que provocam reflexões profundas sobre a natureza humana e a sociedade.

A Filosofia favorece definições como de que “a educação é um processo social, neste sentido, o processo de educar não é o mesmo em todas as sociedades e grupos sociais. A educação deve ser considerada dentro da estrutura do grupo e dos seus objetivos” (Do Prado, 2022, p.14-15). Essa característica da educação formal também é abordada por Moreira *et al.* (2023), ao discutir o papel da Escola na reprodução e na transformação das desigualdades, como expressa em:

A educação formal se organiza para difundir conhecimentos e saberes socialmente legitimados, cujo vínculo é estreito com a reprodução simbólica das classes dominantes. Compatível com isso, as instituições educacionais dilatam as relações de classe e possibilitam estratégias que podem favorecer as classes populares. A escola, ao mesmo tempo em que reproduz as desigualdades antecedentes a ela, compõe também um lugar para que as classes populares possam se apropriar do saber escolar e utilizá-lo em seu benefício, bem como o indivíduo pode utilizá-la para a construção do seu futuro enquanto cidadão dotado de consciência crítica, participativa e como agente transformador de sua própria realidade. Desta forma, o acesso e permanência de estudantes no contexto escolar brasileiro se constitui como uma problemática que atinge principalmente os filhos das camadas mais pobres (Moreira *et al.*, 2023, p. 17).

A questão do desenvolvimento intelectual na educação é um tema central para a Filosofia, alguns filósofos defendem que a educação deve ter como objetivo principal o desenvolvimento das capacidades intelectuais e cognitivas do indivíduo. Assim, como já discorrido, faz-se necessário na aula de Filosofia na Educação Básica adaptar o conteúdo à idade dos alunos, utilizando exemplos e analogias do cotidiano para tornar os conceitos mais compreensíveis e estimulantes. Isso pode

ser feito através de vídeos, livros, textos literários, debates, jogos, projetos e pesquisas, destacando elementos próprios da Filosofia para explicar diferentes questões relacionadas à existência humana, sempre considerando as características de desenvolvimento de cada faixa etária. Ao trabalhar, por exemplo, com alunos mais jovens, podemos utilizar fábulas e contos de fadas para explorar questões filosóficas sobre moral, respeito, amizade dentre outros. Já com alunos mais velhos, podemos promover debates a partir da leitura de textos filosóficos clássicos e contemporâneos sobre temas como Ética, Política, Amor, Liberdade etc. Ter presente na ação pedagógica em Filosofia a estratégia de moldar os conteúdos às diferentes fases do desenvolvimento do aluno favorece o crescimento intelectual e contribui para a formação de cidadãos críticos, conscientes e capazes de transformar sua própria realidade.

A história da educação é também uma história da civilização. A educação e Filosofia sempre tiveram uma relação de vínculos intrínsecos, de modo que a educação, embora se expressando como praxis sociais, nunca deixou de se referenciar nos fundamentos da Filosofia. Cada sociedade possui um ideal de ser humano, cujas características intelectuais, físicas e morais norteiam a educação dessa sociedade. Assim, a educação perpetua essa heterogeneidade de indivíduos, o que permite que ela exista. É nessa transformação do ser individual em coletivo, ou melhor dizendo, nessa socialização do indivíduo que são criadas as bases da existência da sociedade (Moreira *et al.*, 2023, p. 61).

Nessa perspectiva, a educação não se limita apenas ao desenvolvimento intelectual, mas busca também formar indivíduos éticos e responsáveis para uma melhor vivência em sociedade. Promover a expressão e o debate é parte essencial do ensino de Filosofia na Educação Básica, onde as aulas devem instigar os alunos a expressar suas próprias opiniões, participar de debates construtivos e considerar perspectivas divergentes de forma respeitosa.

A educação é um fato social. Ou, de acordo com Émile Durkheim, é pelo seu aspecto de fato social é um elemento essencial de sua sociologia. É através dessa perspectiva que esse estudo pretende compreender os processos educacionais ao longo de nossa história cultural. A educação é uma das atividades mais elementares de toda a história humana pelo fato de que a sobrevivência dos indivíduos está intimamente relacionada à transmissão de uma herança cultural de uma sociedade (Moreira *et al.*, 2023, p. 61).

O foco na formação continuada dos professores é essencial, pois o papel do professor de Filosofia na Educação Básica é fundamental para o desenvolvimento

educacional dos indivíduos. Não resta dúvida de que professores bem preparados têm a capacidade de despertar o interesse dos alunos pela Disciplina e orientá-los na compreensão das questões filosóficas. Diversos pesquisadores expõem que o pensamento filosófico na escola deve ter “foco na elaboração dos processos educacionais que necessitam destinar atenção a construção de uma sociedade coletiva, ideal para a vivência em sociedade” (Gonçalves; Gonçalves, 2021, p. 2).

As particularidades da Filosofia na Educação Básica destacam a importância do ensino de Filosofia para o desenvolvimento intelectual e ético dos estudantes. A inclusão da Filosofia na educação básica oferece aos alunos a oportunidade de desenvolver habilidades de pensamento crítico, reflexão ética e compreensão das questões fundamentais da existência humana. Ao socializar os indivíduos por meio do ensino de Filosofia, a Educação Básica proporciona ferramentas para que os alunos reflitam sobre suas próprias experiências e as experiências dos outros, como demonstram Gomes, De Oliveira Custódio e Lucas (2023, p. 2-3) em sua análise sobre a importância da autoexpressão e das relações humanas.

A socialização do ser humano tem sido objeto de estudo de diversos filósofos e sociólogos ao longo dos anos. Eles se aprofundaram em como os indivíduos se integram à sociedade e como essa integração afeta suas identidades e compreensões de mundo. Desde os primórdios da existência humana, o ser humano anseia por meios de expressar sua essência e emoções internas. Esse impulso de autoexpressão tem se manifestado em cada época, em cada gesto e em todas as ações realizadas. Desde o primeiro ritual fúnebre até um pai protegendo seu filho de uma ameaça, evidencia-se o intrínseco entendimento e valorização das conexões profundas e do carinho que se nutre uns pelos outros.

A Filosofia na Educação Básica propõe um ensino que transcende a mera transmissão de conhecimento, visando o desenvolvimento integral do indivíduo. Nesse contexto, a Disciplina deve concentrar-se em três eixos principais: a socialização, a moralização e a intelectualização dos estudantes. Ao explorar mais a fundo essa relação entre a Educação Básica e o ensino de Filosofia, evidencia-se, por exemplo, como deve ser tratado o desenvolvimento do pensamento crítico, já que a Filosofia oferece um espaço ideal para questionar, analisar e avaliar ideias complexas. Ao fazer isso, contribui significativamente para a socialização dos indivíduos. Essa socialização, como defendem Gomes, De Oliveira Custódio e Lucas (2023, p.2-3), é um processo contínuo que molda nossa identidade e percepção de mundo.

A socialização do ser humano é um processo intrincado e vital que começa no momento do nascimento e continua ao longo de toda a vida. Ela envolve a internalização de valores, normas, tradições e comportamentos de um determinado grupo ou sociedade. Através da socialização, os indivíduos aprendem a compreender seu papel no mundo e como interagir de maneira produtiva e harmoniosa com os outros. Desde os primeiros momentos de vida, os seres humanos são imersos em um processo de aprendizado social. A família é, geralmente, o primeiro e mais influente agente de socialização. É através dela que se aprendem as noções básicas de comportamento, linguagem, moralidade e cultura. À medida que se cresce, outros agentes, como escolas, amigos, mídia e instituições religiosas, desempenham papéis fundamentais na formação da identidade do indivíduo e percepção de mundo.

Ao explorar questões filosóficas, os estudantes aprendem a formular argumentos sólidos e a considerar diferentes perspectivas. Desse modo, aposta-se numa formação que promova a reflexão sobre questões éticas e morais, incentivando os alunos a ponderar sobre o que é certo e errado, justo e injusto, contribuindo para a formação de cidadãos éticos e conscientes. Essa busca por uma formação integral, que vai além da mera aquisição de conhecimentos técnicos, encontra um eco nas palavras de Dalbosco, Salomão e Doro (2021, p.19) que escrevem: :

Seu foco no cultivo das capacidades humanas nos permite perceber a estreiteza da educação que se volta para a formação profissional, visando exclusivamente à renda futura e mostra o quanto isso compromete a formação cultural e moral, indispensável à consolidação de sociedades democráticas. Como contraponto crítico a tal estreiteza, a proposta do amplo cultivo de todas as capacidades humanas, abrangendo esquematicamente a dimensão cognitiva, moral e estética, oferece a ideia ampla de ser humano, mais apropriada para o contexto de sociedades plurais e complexas

Como já retratado, a Filosofia na educação básica enseja conexões interdisciplinares, estabelecendo ligações significativas com outras disciplinas, ampliando a compreensão dos alunos sobre temas como História, Literatura, Ciências Sociais e Arte. Essa abordagem interdisciplinar enriquece a experiência educacional dos estudantes. Por outro lado, o estímulo ao questionamento é fundamental nesse cenário. Ao introduzir os alunos à Filosofia, os educadores incentivam o questionamento constante, levando os estudantes a refletir sobre questões existenciais e conceitos abstratos no contexto do Ensino de Filosofia.

Em Dalbosco, Salomão e Doro (2021, p.19), evidencia-se que por meio do ensino de Filosofia na escola, pode-se estimular aquilo que “torna-se uma maneira mais inteligente e humana de trabalhar os conflitos e dramas tanto individuais como

sociais”.

Certamente, a preparação para o mundo contemporâneo exige que o ensino de Filosofia na Educação Básica prepare melhor aos alunos para enfrentar desafios complexos, capacitando-os a analisar criticamente problemas sociais, políticos e éticos que vivenciam na sociedade, especialmente em um tempo muito conectado e globalizado, com decisões e efeitos diretos no dia a dia dos indivíduos. Nessa lógica, o ensino de Filosofia deve comprometer-se com a socialização do indivíduo, conforme definido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), Neste sentido, Gomes; De Oliveira Custódio; Lucas (2023, p.3) escrevem que:

Os processos de socialização também são reflexos das transformações históricas, sociais e culturais. Em diferentes épocas e culturas, os métodos e os valores transmitidos podem variar, mostrando a dinamicidade e adaptabilidade humana diante dos desafios e contextos apresentados. Além disso, é através da socialização que as gerações mais velhas transmitem seu legado e sabedoria para as mais novas, garantindo a continuidade e evolução da sociedade. Em uma era globalizada e com avanços tecnológicos constantes, os desafios da socialização tornam-se ainda mais complexos. As plataformas digitais, por exemplo, introduziram novos modos de interação, ampliando o alcance das redes sociais, mas também levantando questões sobre autenticidade, privacidade e as nuances das relações online.

Outrossim, o cultivo da empatia e tolerância é percebida como necessária no ensino de Filosofia na Educação Básica, em que a discussão filosófica promove a empatia ao explorar diferentes visões de mundo e promover o respeito pelas opiniões alheias. Por isso, a Filosofia contribui para a formação de indivíduos tolerantes e abertos ao diálogo em meio a sua realidade.

Nessa linha de pensamento a escola da Educação Básica deve funcionar como base para as etapas educacionais posteriores, como no caso de acesso a Instituições de Ensino Superior que, “como missão, a universidade procura produzir conhecimento, estimular o pensamento crítico e formar profissionais, cidadãos e intelectuais influentes, constituindo-se, portanto, como instituição social” (Nogueira, 2004, p. 34).

A universidade, assim como as escolas da Educação Básica, opera dentro de um contexto marcado pelos interesses do Estado. Essa dualidade se manifesta na tensão entre, por um lado, o compromisso com a ética, a educação e os direitos da coletividade, e por outro, a dependência de recursos estatais e a necessidade de seguir diretrizes governamentais. Nesse cenário, o ensino de Filosofia na Educação

Básica se destaca por estimular a criatividade e a imaginação dos alunos, incentivando-os a pensar de forma inovadora e buscar soluções para desafios complexos. A Filosofia, ao promover a reflexão crítica e o questionamento de dogmas, contribui para a formação de indivíduos capazes de transformar a realidade.

A escola básica, juntamente com a universidade deve inserir-se permanentemente na comunidade, realizando a troca de experiências, por meio do ensino, assimilando e revendo valores e prioridades que permitam que a população se identifique como sujeito de sua própria história, “proporcionando consequentes mudanças das condições de vidas, superando, assim, problemas sociais encontrados na própria comunidade” (Lima, 2003 *apud* Fernandes, 2012, p. 179).

Desta forma, é importante registrar que a inclusão da Filosofia na Educação Básica oferece benefícios significativos para o desenvolvimento intelectual e moral dos estudantes, preparando-os para uma participação ativa na sociedade. Nesse campo a Hermenêutica desempenha um papel crucial no entendimento dos conceitos filosóficos, bem como na apreensão e produção de conhecimento em Filosofia.

Para Almeida (2015, p. 40), “Ricoeur procura apresentar uma definição de hermenêutica: a hermenêutica é a teoria das operações da compreensão na sua ligação com a interpretação dos textos”. Tal pensamento vai ao encontro de que “a ideia diretriz da hermenêutica será, assim, a efetuação do discurso como texto. Diante da aporia que se expressa na separação entre explicar e compreender” (Almeida, 2015, p. 40).

No contexto da Educação Básica, a Hermenêutica se revela como uma ferramenta indispensável para o ensino de Filosofia. Ao proporcionar uma interpretação profunda e contextualizada dos textos filosóficos, contribui para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes, capazes de compreender e analisar os desafios da sociedade contemporânea.

Outro aspecto a ser considerado nesse contexto é a reconstrução histórica, em que ao aplicar princípios hermenêuticos, os educadores do ensino filosófico na escola podem reconstruir historicamente os contextos nos quais os textos filosóficos foram produzidos, o que é fundamental para compreender plenamente as ideias dos autores e sua relevância para a época.

O ensino de Filosofia na Educação Básica ao valorizar a hermenêutica de Paul Ricoeur, mostra ser adepto do diálogo intertextual, facilitando a interação entre diferentes textos filosóficos ao longo da história. Davenport e Prusak (2003 *apud* Nascimento; Hetkowski, 2009, p. 6) afirmam que:

O conhecimento é uma mistura fluídica de experiência condensada, valores, informação contextual e insight experimentado, a qual proporciona uma estrutura para a avaliação e incorporação de novas experiências e informações. Ele tem origem e é aplicado na mente dos conhecedores.

Desse modo, a escola da Educação Básica deve focar naquilo que possibilite ou proporcione ao estudante um conjunto de saberes pré-elaborados que sirvam como base aos conhecimentos já adquiridos no senso comum, voltados para a sua realidade. A partir de então, o aluno torna-se capaz de raciocinar e identificar novas ideias para as experiências tidas ao longo de sua vida.

Com isso, cabe frisar que “o conhecimento é uma informação. É a apropriação de uma técnica; é ter acesso a um dado e até mesmo procurar aplicá-lo” (Davenport; Prusak, 2003 *apud* Nascimento; Hetkowski, 2009). Isso, permite que os estudiosos identifiquem influências, conexões e desenvolvimentos conceituais ao longo do tempo de forma útil ao espaço educacional escolar. A clarificação conceitual, como forma de ferramenta ou técnica de ensino de Filosofia na escola, mostra que, por meio da hermenêutica, é possível esclarecer conceitos filosóficos complexos e interpretar sua relevância para a compreensão da existência humana, da moralidade, da política, da epistemologia e de outras áreas fundamentais da Filosofia.

Em síntese, a Filosofia no Ensino Básico contribui significativamente para o desenvolvimento humano, em que “desenvolvimento deve significar melhorar a vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas (desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão no futuro (desenvolvimento sustentável) (Franco, 1998 *apud* Chiarello, 2015, p. 240).

Neste cenário, a produção de conhecimento é fundamental no ensino de Filosofia e o emprego da Hermenêutica não apenas auxilia na compreensão do conhecimento filosófico existente, mas também contribui de forma decisiva para a produção de conhecimento original por meio de interpretações inovadoras e análises

críticas. Alinhado a essa perspectiva, a obra de Ricoeur oferece contribuições significativas para a área da Hermenêutica. Como ele mesmo afirma,

Uma nova época da hermenêutica está aberta para o sucesso da análise estrutural. A objetivação do discurso, numa obra estruturada, não elimina o traço fundamental e primeiro do discurso, e que é constituído por um conjunto de frases onde alguém diz algo a alguém, a propósito de alguma coisa (Jesus, 2020, p. 6).

A contextualização cultural e linguística se torna fundamental no ensino de Filosofia na Educação Básica. Ao adotar a Hermenêutica de Ricoeur, valorizamos as influências culturais e linguísticas que moldam a produção e a transmissão do conhecimento. Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda e abrangente das obras e dos conceitos filosóficos, enriquecendo significativamente o processo de ensino-aprendizagem.

O ensino de Filosofia deve desafiar a ideia de uma interpretação única e definitiva. A Hermenêutica, nesse sentido, se revela como uma ferramenta indispensável, ao incentivar a consideração de múltiplas perspectivas e abordagens interpretativas. Ao valorizar a diversidade de interpretações, a Filosofia se torna uma disciplina mais dinâmica e engajadora, estimulando o pensamento crítico e a construção de conhecimentos próprios.

Conforme Silva (2019, p. 153), “para uma hermenêutica textual, Paul Ricoeur estabelece uma relação dialética entre o interior e o exterior dos textos, a qual tem como finalidade compreender de que forma a linguagem possibilita a mediação entre a humanidade e o mundo [...]”. Acrescenta-se que na análise interpretativa estão envolvidos os próprios seres humanos, além da relação entre o ser humano individual e ele próprio. Em suma, a Hermenêutica tal como em Ricoeur, desempenha um papel fundamental na interpretação profunda, contextualização histórica e produção de conhecimento em Filosofia, capacitando os estudiosos a explorarem os conceitos filosóficos com rigor intelectual e a sensibilidade interpretativa necessária para esse campo de estudo.

3 A HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR NO QUE PODE CONTRIBUIR PARA A OTIMIZAÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Cabe inicialmente registrar que a hermenêutica filosófica desempenha um papel fundamental na construção do conhecimento escolar, oferecendo uma abordagem interpretativa que transcende a mera compreensão textual para englobar a formação ativa de significados e a reflexão sobre a natureza do conhecimento filosófico em si. Essa construção de significados, como argumenta Jesus (2020, p. 7-8), está intrinsecamente ligada à noção do "mundo do texto":

A tarefa hermenêutica fundamental escapa à alternativa da genialidade ou da estrutura e é vinculada à noção do "mundo do texto" que é o prolongamento do que o autor chamou de a referência ou denotação do discurso: em toda proposição podemos distinguir, com Frege, seu sentido e sua referência. Sua referência é seu valor de verdade, sua pretensão de atingir a realidade.

No contexto da hermenêutica filosófica, a interpretação é vista como processo ativo, no qual o intérprete não apenas decodifica significados pré-existentes, mas, também participa de forma criativa na construção dos significados e na elaboração de novas compreensões.

Ainda sob a ótica de Jesus (2020, p. 8), sua análise acerca da hermenêutica filosófica de Ricoeur, aponta que “o discurso se opõe à língua, que não possui relação com a realidade, as palavras remetendo a outras palavras na ronda infundável do dicionário”. De todo modo, para o autor, somente por meio do discurso, visa-se às coisas, além de aplicar-se à realidade, e exprimir o mundo.

Nesse horizonte de pré-compreensão, pode-se notar que a Hermenêutica reconhece que todo ato interpretativo é influenciado pelo horizonte de pré-compreensão do intérprete, ou seja, pelas experiências, crenças, valores e contextos que moldam sua perspectiva. Além disso, conta com a ressalva da subjetividade inerente à interpretação e à produção de conhecimento. Diante desse cenário, torna-se fundamental desenvolver a capacidade de analisar criticamente as informações e construir nossos próprios significados. É nesse sentido que Nóvoa (2019) destaca:

A lucidez perante um mundo desgovernado, desorientado face à desordem da informação, das notícias falsas, desprotegido face à invasão diária da nossa privacidade, em grande parte devido aos dados que nós próprios aceitamos ceder à rede. Da universidade espera-se a lucidez do conhecimento e da razão, do pensamento crítico, a capacidade de dar sentido ao que parece, hoje, sem qualquer sentido (NÓVOA, 2019, p. 2).

É importante destacar que o diálogo entre horizontes se manifesta como uma compreensão profunda, conforme a hermenêutica filosófica. Essa compreensão emerge do diálogo entre o horizonte de pré-compreensão do intérprete e o horizonte de sentido presente no texto ou contexto interpretado. Nessa perspectiva, o diálogo dinâmico gera novos significados e insights, dentro desse enquadramento filosófico.

Nessa lógica, destacam-se pensamentos voltados para o que é considerado fundamental no ensino de Filosofia. Considera-se que, nesse cenário, a fusão de horizontes, é importante. Em estudos filosóficos, um ato interpretativo bem-sucedido, ocorre quando há uma fusão temporária entre o horizonte de pré-compreensão do intérprete e o horizonte de sentido do objeto interpretado, resultando em uma compreensão enriquecida e mais abrangente.

Além disso, compreende-se que a construção dialógica do conhecimento está intrinsecamente ligada à hermenêutica filosófica. Essa abordagem enfatiza que o conhecimento na educação básica é construído por meio de um processo dialógico contínuo, no qual as interpretações são constantemente revisadas, refinadas e enriquecidas por meio do diálogo crítico com outras perspectivas. Vale ressaltar, conforme Pieterzack (2009, p.14):

Na medida em que se reconhece a autonomia do texto, percebe-se que o texto abre uma distância crítica em relação à ideia do leitor. Mas, na medida em que o seu conteúdo a ser interpretado é também identificado como possibilidade do próprio leitor, percebe-se, igualmente, que há uma experiência de pertença ao texto. Isso permite a Ricoeur desenvolver uma dialética entre a experiência de pertença ontológica e de distanciamento metodológico como chave da hermenêutica, pois, ao invés de projetar as suas próprias crenças, motivações e preconceitos sobre o texto, o leitor é instruído pelo mundo do texto. Daí em diante o texto não é mais submetido às capacidades finitas de interpretação de um determinado leitor.

Importante pontuar que a Hermenêutica Crítica no ensino de Filosofia na Educação Básica vai, além disso, logo a Hermenêutica Crítica questiona as estruturas de poder, as assimetrias sociais e as influências ideológicas que moldam a produção e a transmissão do conhecimento, promovendo uma reflexão consciente

sobre os contextos nos quais o conhecimento é gerado, transformado, e até mesmo refutado.

Na continuidade da análise de Pieterzack (2009, p. 14), percebe-se que a essência do método consiste em priorizar determinados aspectos. Essa ênfase em prioridades torna-se evidente quando o autor afirma que “a hermenêutica pode ser crítica pelo distanciamento metodológico em relação à tripla autonomia do texto: autor, situação, leitor”.

Em contrapartida, a Hermenêutica Filosófica não apenas oferece métodos interpretativos sofisticados para compreender textos e contextos filosóficos, mas também proporciona uma visão profunda sobre a natureza construtiva e dialogal do conhecimento humano. Ressalta-se que a Hermenêutica de Ricoeur oferece contribuições significativas para a otimização do ensino de Filosofia na Educação Básica. Uma vez que enfatiza diretamente a importância da análise, da interpretação, do diálogo e da reflexão crítica. Conforme Jesus (2020, p. 10):

A interpretação de textos é considerar os elementos, as implicações históricas, filosóficas, psicológicas, sociológicas e de linguagem para compreender as ações sociais, as referências encontradas no texto, os recursos hermenêuticos, metodológicos, dando uma visão do conhecimento construído ou a ser construído.

A hermenêutica de Paul Ricoeur, ao destacar a natureza dialógica da interpretação, oferece uma ferramenta valiosa para o ensino de Filosofia. Ao enfatizar que o significado é construído na interação entre o texto e o intérprete, essa perspectiva incentiva uma abordagem mais ativa e participativa dos estudantes. Dessa forma, a hermenêutica contribui para um aprendizado mais significativo e aprofundado dos conceitos filosóficos. Ademais, cumpre em registrar que:

Ricouer destaca as intrigas e acontecimentos transformados em história no texto, o que requer do leitor cuidado e atenção. Destaca também, o papel da compreensão e da explicação na interpretação hermenêutica, quando a obra alcançar aquele para quem a obra é escrita, pois, histórias são contadas, acontecimentos são narrados e discursos são proferidos (Jesus, 2020, p. 14).

Ao aplicar a hermenêutica filosófica no contexto educacional, promove-se um ambiente de diálogo e interpretação em sala de aula. Os alunos são incentivados a conectar as ideias dos textos filosóficos com suas próprias experiências e

perspectivas, desenvolvendo assim um pensamento crítico e reflexivo. A metáfora, como um recurso fundamental da linguagem, desempenha um papel crucial nesse processo interpretativo. Conforme Silva (2019, p.10), enfatiza:

Trata-se de um problema de inovação semântica que está na hermenêutica e na poética que nos conduzem ao mundo do texto. O processo de interpretação está intrínseco ao processo metafórico e, como processo, vincula à palavra a totalidade do conjunto de sentenças em que está localizada. A metáfora toma uma grande dimensão na linguagem. Por fazer parte da linguagem, a metáfora nos convida a fazer hermenêutica.

Em Ricoeur, a construção de sentido e identidade está intrinsecamente ligada à narrativa. Nessa visão, ao valorizar as narrativas pessoais dos alunos no ensino de Filosofia, proporcionamos um espaço para que eles reflitam sobre suas próprias experiências e encontrem conexões com os conceitos filosóficos. Dessa forma, o conteúdo se torna mais relevante e significativo para cada estudante, tornando o aprendizado da Filosofia uma experiência mais rica, completa e envolvente.

Silva (2019, p.159), ainda corrobora afirmando que, “os textos metafóricos tendem a possibilitar uma redescritção que induzem a um dinamismo com finalidades a valores morais, estéticos, religiosos etc. dinamismo a revelar um “ser como” do homem, do mundo e das coisas”.

A Hermenêutica de Ricoeur, ao alinhar ética e responsabilidade à interpretação, nos convida a uma leitura atenta e crítica dos textos. Ao aplicar essa perspectiva no ensino de Filosofia, podemos estimular nos alunos a capacidade de considerar diferentes pontos de vista e a responsabilidade de interpretar de forma cuidadosa, promovendo assim discussões éticas mais aprofundadas sobre temas relevantes.

Essa preocupação com a ética e a alteridade, presente em toda a obra de Ricoeur, torna-se ainda mais evidente em seus últimos trabalhos, como aponta Fonseca (2009, p. 5), “a dimensão da alteridade e, com ela, as questões éticas e políticas, se bem que já presentes nas suas primeiras obras, passam a ter uma presença e uma importância mais agudas nas últimas obras de Ricoeur”.

Vale salientar que noção ricoeuriana de “desconstrução” seguida por “reconstrução” também pode ser aplicada no ensino de Filosofia. Isso encoraja aos

alunos a questionar pressupostos e preconceitos, desconstruindo ideias pré-concebidas para reconstruir novas compreensões filosóficas mais amplas.

Conforme aponta Fonseca (2009, p. 5), “em *Soi-même comme un autre* e em *Parcours de Reconnaissance* o autor caminha para uma hermenêutica do si e para uma hermenêutica da reciprocidade”. Assim, ao destacar a interpretação como prática reflexiva, essa perspectiva, pode ser um guia valioso para o ensino de Filosofia promovendo atividades que estimulem os alunos a refletir criticamente sobre conceitos filosóficos, examinar suas próprias crenças e argumentar com base em evidências. A capacidade de refletir criticamente, desenvolvida através da filosofia, é fundamental para que os indivíduos possam compreender e atuar no mundo, especialmente em um contexto de constantes transformações. Neste sentido, temos que:

Seja qual for o aspecto pelo qual é abordado a educação, ela sempre se apresenta com o mesmo caráter. Sejam os fins que ela busca ou os meios que ela emprega, são sempre necessidades sociais que ela satisfaz e ideias e sentimentos coletivos que ela expressa. As profundas transformações que as sociedades contemporâneas estão suscetíveis demandam transformações correspondentes na educação nacional. Todavia, embora sintamos que mudanças são necessárias, não sabemos muito bem como elas devem ser. Logo, a sociedade, na sua história, constitui-se no lócus da vida, das tramas sociais, dos encontros e desencontros nas suas mais diferentes dimensões. É nesse espaço que se inscreve a instituição escolar (Moreira *et al.*, 2023, p. 71).

Concomitante a isso, ao integrar os princípios hermenêuticos de Ricoeur no ensino de Filosofia na Educação Básica, promove-se uma abordagem mais participativa, reflexiva e engajada com o pensamento filosófico. Isso capacita os alunos a desenvolverem habilidades interpretativas e críticas essenciais para sua formação intelectual e cidadã. Essa formação, que estimula a reflexão crítica e a construção de significados, é fundamental para que os indivíduos possam atuar como cidadãos conscientes e engajados em um mundo em constantes mudanças. Neste sentido, Moreira *et al.* (2023, p.71), escreve:

O desenvolvimento da sociedade engendra movimentos bastante complexos. Ao traduzir-se, ao mesmo tempo, em território, em cultura, em política, em economia, em modo de vida, em educação, em religião e outras manifestações humanas, a sociedade, especialmente a contemporânea, insere-se dialeticamente e movimenta-se na continuidade e descontinuidade, na universalização e na fragmentação, no entrelaçamento e na ruptura que conformam a sua face. Nessa perspectiva, vive-se, hoje, a problemática da dispersão e ruptura, portanto, da superficialidade. Nessa

dinâmica, inscreve-se a compreensão do projeto de Nação, o da educação nacional e, neste, o da instituição escolar, com sua organização, seu projeto e seu processo educativo em suas diferentes dimensões, etapas e modalidades (Moreira *et al.*, 2023, p. 71).

A hermenêutica de Ricoeur oferece contribuições valiosas para otimizar o ensino de Filosofia na Educação Básica, proporcionando uma abordagem reflexiva, interpretativa e dialógica que enriquece a compreensão filosófica dos estudantes. A interpretação como diálogo, com ênfase no encontro entre o texto e o intérprete, é um princípio fundamental dessa perspectiva.

Para aprofundar a compreensão do papel da interpretação no ensino de filosofia, é fundamental analisar a própria evolução do pensamento de Ricoeur sobre o tema. Como aponta Sousa (2020, p. 5)

Percebe-se que o problema hermenêutico, pelo menos inicialmente, não é o alvo central da obra ricoeuriana, diferentemente do que acontece com Gadamer. Ou seja, por mais que posteriormente o filósofo francês leve em conta a definição de que a hermenêutica é uma reflexão sobre o próprio compreender e, sendo assim, uma propedêutica para toda investigação filosófica, nos seus primeiros escritos ele considera a hermenêutica apenas como uma alternativa interpretativa, isto é, uma outra interpretação possível para análise. Sendo assim, a hermenêutica é vista apenas como um instrumento nos primeiros escritos do filósofo francês, como um método que poderia ajudá-lo na reflexão filosófica perante seus problemas delimitados.

Além da interpretação como diálogo, a obra de Ricoeur destaca a importância da narrativa na construção da identidade. Ao valorizar as narrativas pessoais dos alunos, o professor de filosofia pode criar um ambiente de aprendizagem mais significativo e engajador. Atividades que estimulam a construção de narrativas sobre temas filosóficos podem auxiliar os alunos a desenvolverem habilidades de reflexão crítica e a estabelecerem conexões entre a filosofia e suas próprias experiências de vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse contexto, é importante ressaltar que a pesquisa chega ao seu término com resultados satisfatórios sobre a temática, descrevendo detalhadamente a relação com os objetivos propostos e alcançando uma conclusão que se alinha com a problemática inicialmente apresentada.

A hermenêutica de Ricoeur enfatiza a ética e a responsabilidade na interpretação, exigindo do intérprete uma busca cuidadosa por significados e uma consideração atenta às diversas perspectivas presentes nos textos. Ao aplicar essa abordagem no ensino de Filosofia, é possível promover discussões éticas e críticas, incentivando os alunos a refletirem sobre as implicações de suas interpretações e a considerarem a pluralidade de pontos de vista. Dessa forma, a Filosofia se torna um espaço privilegiado para o desenvolvimento de um pensamento crítico e responsável.

A noção ricoeuriana de desconstrução e reconstrução de significados oferece um caminho promissor para o ensino de Filosofia na Educação Básica. Ao incentivar os alunos a questionarem seus pressupostos e a desconstruírem ideias pré-concebidas, os educadores podem promover a construção de novas compreensões filosóficas mais abrangentes. É fundamental que essa abordagem hermenêutica seja aplicada de forma integral, considerando o texto em todas as suas dimensões e nuances. Ao promover uma leitura atenta e crítica, os educadores podem auxiliar os alunos a desenvolverem habilidades de interpretação e a construir um pensamento autônomo e reflexivo.

Temos, portanto, que a importância da hermenêutica de Paul Ricoeur no contexto educacional decorre do fato de possibilitar ao educador trabalhar de maneira mais eficaz com a aquisição, uso e análise da linguagem e da interpretação. Essa abordagem permite que os alunos construam interpretações que não se limitem a uma compreensão superficial do texto filosófico, mas que também o relacionem com o contexto de sua própria realidade, compreendendo assim, através do texto, a si, ao outro e ao mundo.

Ao aplicar essa metodologia, os educadores podem promover um ensino de Filosofia que vai além da mera transmissão de conhecimentos, incentivando os estudantes a desenvolverem habilidades críticas e reflexivas. Isso os capacita a compreender e questionar o mundo ao seu redor, tornando-os mais preparados para

enfrentar os desafios contemporâneos, seja no mercado de trabalho, nas relações sociais ou na participação cidadã. A Hermenêutica de Ricoeur, portanto, não apenas enriquece a compreensão filosófica dos alunos, mas também contribui para sua formação integral como indivíduos críticos e conscientes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Frederico Soares de. **Uma análise da hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur na primeira parte da obra Do Texto à Ação**. Belo Horizonte, 2015.
- BARROS, José D'Assunção. Tempo e Narrativa em Paul Ricoeur: Considerações sobre o Círculo Hermenêutico. Fênix – **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 9, Ano ix, n. 1, jan./abr. 2012.
- BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. **Acta Scientiarum. Education**, vol. 34, núm. 2, julho-diciembre, 2012, pp. 157-168, UEM, Paraná, Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069. Acesso em: 23 maio 2024.
- BODART, Cristiano das Neves (Org.), 1981. **Sociologia e Educação**: debates necessários.– Maceió: Editora Café com Sociologia, 2019. 224 f. (Série Sociologia e Educação).
- BOTO, Carlota. A educação e a escola em tempos de coronavírus. **Jornal da USP**, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação**. Vozes, 9. ed. Petrópolis, RJ, 2007.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional – LDBEN**. Brasília, 1996.
- BREGALDA, Regiano. Hermenêutica em Paul Ricoeur: contribuições à pesquisa textual. **Revista Filosofazer**. Passo Fundo, n. 47, jul./dez. 2015.
- BUENO, André *et al.* **Aprendendo história**: visões & debates. Sobreontens, e-book, 2019.
- CAETANO, Maria Raquel; PERONI, Vera Maria Vidal. Relações entre o público e o privado na educação brasileira: neoliberalismo e neoconservadorismo-projetos em disputa. **Trabalho necessário. Rio de Janeiro, RJ. Vol. 20, n. 42 (2022), p. 1-26**, 2022.
- CHIARELLO, R. **Vales imaginários**. Ed. Rio Books. São Paulo, 2015.
- COSSUTTA, Frédéric. Função das metáforas nos textos filosóficos. In: _____. **Elementos para a leitura dos textos filosóficos**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 99-139.
- COSTA, Antonia Erica Rodrigues. **A intervenção neuropsicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem na educação básica**. 2020.
- COSTA, Antonia Erica Rodrigues. **A intervenção neuropsicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem na educação básica**. 2020.

COSTA, Luzia Santos; BANDEIRA, Dina Carla da Costa. **A relação gestão escolar e família**: uma relação possível para a melhoria da aprendizagem. Curso de Licenciatura em Pedagogia. Instituto Federal Goiano. Campus Iporá, 2022.

COSTA, Luzia Santos; BANDEIRA, Dina Carla da Costa. **A relação gestão escolar e família**: uma relação possível para a melhoria da aprendizagem. Curso de Licenciatura em Pedagogia. Instituto Federal Goiano. Campus Iporá, 2022.

DA SILVA, Adriana Aparecida Lopes; VINHA, Maria Lúcia. **Educação inclusiva**: uma proposta de intervenção a partir de fundamentos filosóficos, teóricos e legais. CEEBJA, Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE/2015.

DA SILVA, Anderson Felipe Pereira *et al.* A educação especial em uma escola municipal de Recife – PE. In: **Políticas públicas na educação brasileira**: caminhos para a inclusão. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 273 p. (Políticas Públicas na Educação Brasileira; v. 5).

DA SILVA, Fagner Veloso; LOPES, Ricardo Leon. Possibilidade de uma hermenêutica do si mesmo segundo Paul Ricoeur para o ensino de Filosofia no ensino médio. **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 9. n. 3 (2018), p. 37-55 ISSN 2236-8612.

DALBOSCO, Cláudio Almir; SALOMÃO, Jelson Becker; DORO, Marcelo José. Ideia de educação pública e cultivo das capacidades humanas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 26, p. 157-176, 2021.

DE ARAÚJO, Andréa Cristina Marques; GOUVEIA, Luis Borges. A avaliação do desempenho escolar como ferramenta de exclusão social. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 97947-97954, 2020.

DO PRADO, Ediano Dionisio. Emile Durkheim: a sociologia como ciência e a educação como processo social. **Revista Faculdades do Saber**, v. 7, n. 14, p. 1126-1140, 2022.

DOS SANTOS SOUSA, Gilvan *et al.* Narrativas de estudantes da eja no contexto da pandemia da covid-19: reflexões a partir do olhar freiriano. **Revista Educação e Ciências Sociais**, v. 4, n. 7, p. 170-191, 2021.

FERNANDES, T. **Plano Nacional de Graduação**: um projeto em construção. UFBA, Salvador, 2012.

FERREIRA, Ana Carla Louro Lopes. **Práticas digitais e mediação em contexto escolar**: um estudo de caso. Tese. Orientador: Prof. Dr. Pedro de Carvalho da Silva. Torres Novas, nov. 2021. Escola Sup. de Educ. e Ciências Sociais Instituto Politécnico.

FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica**. 1994.

FONSECA, Maria de Jesus Martins Da. **Introdução à hermenêutica de Paul Ricoeur**. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu. 2009.

GOMES, Daniel Giaqueto; DE OLIVEIRA CUSTÓDIO, Mateus; LUCAS, Carlos Alberto. Socialização entre os meios digitais gamificados: uma proposta de conexão dos indivíduos da Era Moderna. **Revista Eletrônica de Computação Aplicada**, v. 4, n. 1, 2023.

GONÇALVES, Mirelle Cristina; GONÇALVES, Suzany Faíny. Concepção e finalidades da educação na obra educação e sociologia de Émile Durkheim. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 62, p. 293-305, 2021.

JESUS, Tatiana Cleudmar S. de. **A função hermenêutica do distanciamento**. Curso de Licenciatura em Filosofia. Universidade Federal do Maranhão - UFMA, 2020.

KRUPPA, Sonia M. **Portella Sociologia da educação**. 2. ed. São Paulo : Cortez, 2016.

LIMA, Walter Matias. O ensino de Filosofia no ensino médio: problematizando a cidadania e a formação docente. **Debates em Educação** - ISSN 2175-6600 Maceió, Vol. 2, nº 4, Jul./Dez. 2010.

MELO, Maria Lúcia de Almeida. Contribuições da hermenêutica de Paul Ricoeur à pesquisa fenomenológica em psicologia. **Psicologia USP**. 2016.

MESAROS, Istivan. **A educação para além do capital**. *Boi tempo*, São Paulo, novembro, 2005.

MOREIRA, Maysa Barbosa *et al.* **Educação na primeira infância nas classes populares**: semelhanças e distinções da creche e pré-escola nas zonas urbana e rural no município de São José de Ribamar - MA. 2023.

NASCIMENTO, Antonio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (org). **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnológicas. - Salvador: EDUFBA, 2009. 400 p. ISBN: 978-85-232-0565-2.

NASCIMENTO, Marina Guimarães; SILVA, HMG. Revisão de literatura: gestão escolar democrática para a educação brasileira. In: **Congresso Nacional de Educação**. 2022.

NOGUEIRA, Alcides. **Alma de cetim**. Editora imprensa oficial. São Paulo, 2004.

NÓVOA, António. O futuro da universidade: o maior risco é não arriscar. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 14, n. 29, p. 54-70, 2019.

PIETERZACK, Cristiane. **A interpretação em Paul Ricoeur**: uma discussão para uma reformulação da hermenêutica / Cristiane Pieterzack. – Santa Maria, 2009.

PIOVESAN, Josieli *et al.* **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem**. 1 ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, UAB, 2018.

PONCE, Branca Jurema; FERRARI, Alice Rosa de Sena. Educação para a superação do racismo no contexto de uma escola pública. **Práxis Educativa**, v. 17, 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed., Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2010.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1965.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Trad. por Artur Moão do original. Lisboa: Edições 70, 1976.

SANTOS, Laércio Rodrigues dos. Aprendizagem filosófica: potências da leitura e escrita. **Revista Eletrônica Frontistês**. Faculdade Palotina – FAPAS. 2005.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeira aproximação. 10. Ed. Rev., Campinas, SP: Autores Associados, 2020.

SHIROMA, Eneida Oto ; ZANARDINI, Isaura Monica Souza . Estado e gerenciamento da educação para o desenvolvimento sustentável: recomendações do capital expressas na agenda 2030. RPGE– **Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara**, v. 24, n. esp. 1, p. 693-714, ago. 2020. e-ISSN:1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v24iesp1.13785>. Disponível em: Downloads/2+13785+Monica_Rev+Eneida+pago_FTpdfA.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024.

SILVA, Fagner Veloso. A hermenêutica de Paul Ricoeur no ensino de Filosofia no ensino médio. **Dossiê Introdução à Filosofia e Filosofia do Ensino de Filosofia**. Caicó, ano 12, n. 1, 2019, p. 149-166, ISSN 1984 – 5561.

SILVA, Fagner Veloso; LOPES, Ricardo Leon. Possibilidade de uma hermenêutica do si mesmo segundo Paul Ricoeur para o ensino de Filosofia no ensino médio. **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 9. n. 3, 2018.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. A interpretação hermenêutica em Paul Ricoeur: uma possível contribuição para a educação. **Comunicações, Piracicaba**. Ano 18. n. 2. p. 19-36. jul.- dez. 2011.

SILVEIRA, Robson Bernardo; COELHO, Tatiana Costa. Gestão democrática na escola e o papel do gestor escolar. Pós-graduação em Supervisão, Orientação e Inspeção. **Caderno científico Fagoc de Graduação e Pós-Graduação - Volume III**, 2018.

SOUSA, Thiago Luiz de. O que é hermenêutica para Paul Ricoeur?. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa – BA, v.20, n.2, p.17-29, junho, 2020.

VIANA, Valderi Nascimento *et al.* Educação Física e a Biodiversidade: uma breve revisão bibliográfica. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, p. e47111335037-e47111335037, 2022.

VIEIRA, Glauciane da Silva. **Educação financeira e tomada de decisão:** significados produzidos por estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

XAVIER, Déborah Suzane Silveira *et al.* Levantamento epidemiológico de óbitos infantis por desnutrição no Brasil e revisão bibliográfica da atuação do Estado e da Pastoral da Criança no combate à desnutrição infantil. **Revista Saúde Multidisciplinar**, v. 11, n. 1, 2022.